



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ANNA PAULA CARVALHO DE COUTO LEOPOLDINO

**ROMANCES DE VIDA-SECA: DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA
NOS LUGARES “DAS ALAGOAS”**

SALVADOR
2017

ANNA PAULA CARVALHO DE COUTO LEOPOLDINO

**ROMANCES DE VIDA-SECA: DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA
NOS LUGARES “DAS ALAGOAS”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Geografia. Linha de Pesquisa 1: Análise Urbana e Regional

Orientadora: Prof. Dra. Maria Auxiliadora da Silva

SALVADOR

2017

Modelo de ficha catalográfica fornecido pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA para ser confeccionada pelo autor

de Carvalho Couto Leopoldino, Anna Paula
Romances de Vida Seca: Diálogos entre Geografia e
Literatura nos lugares "das Alagoas" / Anna Paula de
Carvalho Couto Leopoldino. -- Salvador, 2017.
100 f. : il

Orientadora: Maria Auxiliadora da Silva.
Dissertação (Mestrado - Mestrado em Geografia) --
Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia,
2017.

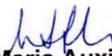
1. Geografia. 2. Literatura. 3. Graciliano Ramos. 4. Lugar.
I. da Silva, Maria Auxiliadora. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

**ROMANCES DE VIDA SECA: DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E
LITERATURA NOS LUGARES "DAS ALAGOAS"**

ANNA PAULA DE CARVALHO COUTO LEOPOLDINO

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva
Doutora em Geografia
Departamento de Geografia, UFBA, Brasil


Profa. Dra. Creuza Santos Lage
Doutora em Geografia
Departamento de Geografia, UFBA, Brasil


Prof. Dr. Janio Roque Barros de Castro
Doutor em Arquitetura e Urbanismo
Departamento de Ciências Humanas, UNEB, Brasil

Aprovada em Sessão Pública de 26 de abril de 2017.

Aos meus pais pela força inspiradora.

AGRADECIMENTOS

A conclusão de um curso de mestrado implica, ao seu final, o dever de agradecer. Agradecer sim, pois às vezes esquecemos de retribuir, mesmo que com simples palavras, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, ajudaram na concretização deste objetivo. Início agradecendo à Professora Doutora Maria Auxiliadora da Silva, minha orientadora, por ser a responsável pelo meu ingresso no campo da Geografia e Literatura, assim como pelo incentivo constante ao aprofundamento do estudo, à participação em eventos e à reflexão sobre condutas pessoais e dignidade da pessoa humana que ultrapassaram nossas relações acadêmicas, hoje a tendo como uma grande amiga. Neste breve agradecimento, expresse minha sincera gratidão ao Universo que conspirou a meu favor desde o princípio deste trabalho. Iluminando-me e inspirando-me a cada página escrita, mesmo em reta final, onde passei por muitas dificuldades na minha vida pessoal. Aos colegas de mestrado e agora considerados amigos verdadeiros, fiéis e que levarei em meu coração, Dolores Bastos, Sander Prates, Caê Garcia, Renata Silva e Daniel Albuquerque. Aos poucos nos tornamos mais que amigos, quase irmãos... Obrigada por dividirem comigo as angústias e alegrias e ouvirem minhas bobagens. Foi bom poder contar com vocês!

Ao meu amigo e fiel companheiro, João Cardoso por toda paciência, cumplicidade, atenção e dedicação. Aos meus pais, Regina Carvalho e Roberto Couto sempre presentes, não me deixando em nenhum momento sozinha e desamparada. Amor, minha base, fortaleza e essência do meu ser. Obrigado por tudo. Aos colegas do grupo de pesquisa Produção do Espaço Urbano (PEU), Juliana Costa, Flora Pidner, Marcos Conceição, Camila Xavier, Ricardo Kassius, e todos os outros componentes que em momentos suaves e de alegria tornaram o processo mais leve. Ao meu também amigo mestre Prof. Dr. Jânio Roque Barros de Castro, exemplo de determinação e que sempre me inspirou desde o tempo da graduação na UNEB, pelos enriquecedores momentos de orientação, troca de experiências, esclarecimento de dúvidas e constante incentivo de carreira. Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA, em especial Sr. Itanajara, que sempre se colocou à disposição para solucionar os problemas e as angústias pelos quais, nós, na qualidade de alunos, sempre estamos vulneráveis a passar, sem contar a alegria contagiante proferida pelas gargalhadas sonoras que lhe são tão particulares.

Finalmente, gostaria de agradecer ao Instituto de Geociências por abrirem as portas para que eu pudesse realizar este sonho que me parecia tão longínquo que era o mestrado. Este me proporcionou mais que a busca de conhecimento técnico e científico, mas uma verdadeira lição de vida. Ninguém vence sozinho... OBRIGADA A TODOS!

*Tirem os rachões e a fome de meus retratos
Esqueçam a desgraça das árvores sem folha
Hoje sou verde
E não preciso de sua ajuda de sua filantropia
Não tenho sede, tenho psicoses
E é com elas que anuncio a todos
Como uma certeza invencível
Que necessito de suas inteligências
Suas cognições
Não de sua complacência
Pois sou antes de seca, Arte.*

Ícaro Tenorio

RESUMO

Neste trabalho busca-se problematizar as possibilidades reais de entrelaçamento da Geografia com a Literatura, entendida como manifestação artística. Com o intuito de analisar a combinação entre a densidade desse campo científico com a delicadeza e o prazer que as artes proporcionam aos sujeitos percebe-se que este é um campo científico amplo que se diferencia e destaca-se na sua capacidade de perceber, vivenciar, envolver e interpretar assuntos dos mais diversos estudos sejam eles voltados à natureza ou na construção social das relações objetivas e subjetivas que a permeiam. O contato da Geografia com as artes e especificamente com a literatura, exemplifica muito bem a dinâmica deste campo científico permitindo ao geógrafo contemporâneo ampliar suas possibilidades de pesquisa. Autores como Paul Claval (2008, 2010, 2014), Roberto Lobato Corrêa (2003, 2004, 2007) e Armand Frémont (1980) trazem grandes contribuições à corrente cultural da Geografia ao analisarem com forte viés subjetivo categorias como região, lugar e espaço, com destaque para a união entre os estudos geográficos e literários. Estas novas abordagens da Geografia cultural em romances regionalistas nacionais só contribuem para ampliação, embasamento e discussão teórica dessa vertente geográfica. Além desta contribuição acadêmica, torna-se interessante também discutir o caráter regional das obras literárias e os fatores que as compõem, interpretando estes lugares sertanejos, múltiplos e carregados de intersubjetividades que coadunam com as concepções de lugar na Geografia. Para além disto, o contexto paisagístico fortemente presente nos romances, permite ao leitor refletir, criticamente, sobre as características políticas, econômicas e sociais da região nordestina reveladas na escrita do autor alagoano Graciliano Ramos.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Graciliano Ramos. Lugar.

ABSTRACT

In this work, we seek to problematize the real possibilities of interweaving of Geography with Literature, understood as artistic manifestation. In order to analyze the combination of the density of this scientific field with the delicacy and pleasure that the arts provide the subjects, it is perceived that this is a broad scientific field that differs and stands out in its capacity to perceive, to involve and to interpret subjects of the most diverse studies they are directed to the nature or in the social construction of the objective and subjective relations that permeate it. The contact of geography with the arts and specifically with literature, exemplifies very well the dynamics of this scientific field allowing the contemporary geographer to expand his research possibilities. Roberto Lobato Corrêa (2003, 2004, 2007) and Armand Frémont (1980) bring great contributions to the cultural current of Geography by analyzing with a strong subjective bias categories such as region, place and space, with emphasis on the union between geographical and literary studies. These new approaches to cultural geography in national regionalist novels only contribute to the broadening, grounding and theoretical discussion of this geographical aspect. In addition to this academic contribution, it is also interesting to discuss the regional character of literary works and the factors that compose them, interpreting these sertanejos places, multiple and loaded with intersubjectivities that correspond to the conceptions of place in Geography. Moreover, the landscape context strongly present in the novels, allows the reader to reflect, critically, on the political, economic and social characteristics of the northeastern region revealed in the writing of the author Alagoano Graciliano Ramos.

Keywords: Geography. Literature. Graciliano Ramos. Place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização dos municípios Palmeira dos Índios, Quebrângulo e Povoado Minador do Negrão, AL	41
Figura 2 – Parede lateral da Casa Museu Graciliano Ramos, Palmeira dos Índios, AL	41
Figura 3 – Vista lateral da Casa Museu Graciliano Ramos, portão de entrada Palmeira dos Índios	42
Figura 4 – Placa Monumento cedido pela Prefeitura localizada em frente à Casa Museu Graciliano Ramos	42
Figura 5 – Primeiras edições de algumas obras do autor Graciliano Ramos	43
Figura 6 – Vista Panorâmica do município de Palmeira dos Índios, retirada do Cristo (monumento turístico e importante local)	43
Figura 7 – Capa do livro <i>Viventes das Alagoas</i> , Record, ed. 14 ^a , 1984 Fonte: Site oficial do escritor	51
Figura 8 – Capa do livro <i>São Bernardo</i> , Record, ed.47 ^a , 1988.Fonte: Site oficial do escritor	55
Figura 9 – <i>Vidas Secas</i> , 1938. Fonte: Site oficial do autor	59
Figura 10 – Vista do Verde Hotel, segundo e único hotel construído na cidade de Palmeira dos Índios	61
Figura 11 – Chegada ao Morro do Goiti, Palmeira dos Índios	62
Figura 12 – Rua lateral ao Verde Hotel, onde é possível acompanhar o movimento	

da feira livre do município de Palmeira dos Índios, AL 63

Figura 13 – Porteira da fazenda onde foram gravadas cenas do filme Vidas Secas.
Município Minador do Negrão, AL 64

Figura 14 – Município Minador do Negrão, AL 64

Figura 15 – Município Minador do Negrão, AL 65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
QUESTÕES NORTEADORAS	17
OBJETIVOS:	17
GERAL	17
ESPECÍFICOS	17
CAPÍTULO 1	18
1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	18
1.1 Interfaces entre Geografia e literatura no contexto da Geografia humanista e cultural	18
1.2 Geografia e literatura: uma proposta de diálogo	23
1.3 Região e Lugar: entrelaçamentos possíveis	28
1.4 A construção do método	33
CAPÍTULO 2	43
2 GRACILIANO RAMOS: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DE TRÊS OBRAS	43
2.1 Graciliano, um autor ressonante	43
2.2 Contextualização das obras escolhidas: análise literária e fílmica	49
2.2.1 Viventes das alagoas	50
2.2.2 São Bernardo	54
2.2.3 Vidas secas	59
2.3 Alagoas, trajetos sertanejos	63
2.4 O sertão instituído e os sertões do imaginário	69
CAPÍTULO 3	74
3 CONTEXTOS PAISAGÍSTICOS REGIONAIS E DIVERSIDADE DE LUGARES	74
3.1 Além do que se vê: a percepção e os sentidos nos romances realistas	74
3.2 Cotidiano e intersubjetividade do Lugar	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

O entrelaçamento entre a Geografia e a literatura nas obras literárias de Graciliano Ramos, grande autor realista da década de 1930, faz-se presente neste trabalho dissertativo composto por três capítulos, além desta apresentação, introdução e considerações finais. Logo na introdução é apresentado o tema de estudo, com devida justificativa, objetivo geral, objetivos específicos e questões norteadoras.

Início este trabalho hoje com a certeza da correlação possível e existente entre a Geografia e a arte de maneira geral, mas no início com uma grande inquietude, a qual sinto necessidade de expressar logo nas primeiras frases desse texto. Existiriam possibilidades reais de entrelaçamento da Geografia com algum tipo de manifestação artística? Como combinar a densidade desse campo científico com a delicadeza e o prazer que as artes proporcionam aos sujeitos? A Geografia é um campo científico amplo, diferenciando-se e destacando-se na sua capacidade de perceber, vivenciar, envolver e interpretar assuntos dos mais diversos campos sejam eles aspectos ligados à natureza ou na correlação e construção social das relações objetivas e subjetivas que a permeiam. O contato da Geografia com as artes e especificamente com a literatura, exemplifica muito bem a dinâmica deste campo científico, o que permitiu ao geógrafo contemporâneo ampliar suas possibilidades de pesquisa.

Sabe-se que estudos de obras literárias com interesse geográfico não são recentes. Na Geografia francesa, desde a década de 1940, já surgiam ideias de identificar e analisar aspectos geográficos nos mais diversos estilos da literatura. Já no mundo anglo-saxão, desde os anos 1970 emergiram os conceitos da Geografia cultural e mais tarde a humanista, onde novas abordagens foram inseridas a esta ciência até então considerada muito positivista e quantitativa. Autores como Paul Claval (2008, 2010, 2014) e Roberto Lobato Corrêa (2003, 2004, 2007), trazem grandes contribuições a esta corrente ao analisarem com forte viés subjetivo categorias como região, lugar e espaço. Armand Frémont (1980), geógrafo francês, no clássico - Região, espaço vivido - publicado em 1976 já destacava a importância da união entre os estudos geográficos e literários, numa Geografia reinventada onde as divisórias e distanciamentos entre as disciplinas não deveriam mais existir.

Assim confirma-se que literatura como fictícia e imaginária constrói mundos específicos e permite conexões com a Geografia que são de extrema importância e a relacionam à sua qualidade de obra de arte, sempre estabelecendo uma união entre o empírico e o imaginado. Se a literatura estivesse somente ligada ao mundo real, ela seria considerada um documento histórico e informativo; se fosse somente um produto da imaginação humana, sem a mínima conexão com o mundo dos fatos, esta não seria levada em consideração por qualquer outra pessoa, a não ser o seu próprio autor. No entanto, é justamente pelo fato de estar dentre essas interfaces dialógicas, podendo variar entre uma e outra, é que é conferida à literatura a condição de ser sempre compreendida e contemplada no contexto social (e agora, geográfico) mesmo quando está além do tempo e cultura em que foi pensada, criada e por fim, escrita.

Nos últimos anos tem se visto crescer, consideravelmente, o quantitativo de pesquisadores que se interessam pela interface Geografia-Arte, no que se incluem a literatura, o cinema, artes visuais, plásticas, fotografia e a música de maneira geral. Marândola (2006) subdivide esse novo campo de pesquisa em duas vertentes, uma mais voltada aos estudos que enfocam as materialidades (os fatos históricos, o ambiente físico, as estruturas sociais, os costumes e as ideologias de determinado meio) e outra vertente já mais voltada para fatores imateriais, tais como os simbolismos, imaginários, sentidos, identidades e questões de afetividade. Sobre essas duas perspectivas a autora ainda acrescenta que o campo voltado para a materialidade vê a arte como um documento ou como uma expressão material da cultura em determinado momento e dado histórico, diferenciando-se do campo voltado às imaterialidades, que entendem as manifestações da arte como poderosas fontes criadoras de mundos paralelos, que fogem à realidade e se reinventam dentro de cada ser.

Modernista da segunda geração (1930-1945), o autor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953) é sem sombra de dúvida um dos mais representativos da época. O romancista da década de 1930 não se deixava encantar pelo bucólico e pelo pitoresco da sua região, sabendo exprimir, fielmente, a aspereza e agudeza da realidade de seu habitat. Ele está incluído no leque de autores que compõem a

segunda fase do modernismo¹, onde os romances ganham maior amadurecimento, dando enfoque aos fatos reais e ganhando muitas vezes um caráter documental. Por meio de obras de autores como ele, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins Rego e tantos outros, um Brasil multifacetado foi sendo exposto, apresentando sua diversidade regional e cultural, mas carregado de problemas comuns em quase todas as regiões, principalmente a nordestina, onde a miséria, a ignorância a opressão nas relações de trabalho e as forças da natureza muitas vezes se sobrepunham ao homem desprotegido.

A ficção brasileira da época, representada pelos romancistas se volta para a realidade do país com intenção escancarada de denúncia social e de envolvimento político. O próprio Graciliano confessou suas intenções em declaração num de seus textos “acho que o artista deve procurar dizer a verdade. Não a grande verdade, naturalmente. Pequenas verdades, essas que são nossas conhecidas” (RAMOS apud CEREJA, 2000).

O primeiro capítulo fundamenta-se, interdisciplinarmente, apresentando o referencial teórico e conceitual, juntamente com a metodologia. Analisar-se-á, especificamente, neste capítulo, o diálogo possível e existente entre a Geografia e a literatura, o surgimento da Geografia cultural e, posteriormente, da humanista, dando maior enfoque aos conceitos-chave região e lugar, que são os eixos condutores de todo o trabalho, aqui apresentado.

No capítulo dois as obras literárias *Viventes das Alagoas*, *São Bernardo* e *Vidas Secas* são analisadas sob ponto de vista geográfico. Inicialmente, contextualizando estas obras escolhidas e relacionando-as aos filmes de mesmo título lançados tempos depois. Ainda neste capítulo são trazidas as peculiaridades observadas nos trajetos percorridos nos lugares das Alagoas retratados nas obras. Além disto, uma análise do sertão como região é trazida como ponto de reflexão no texto, revelando os múltiplos sertões presentes na nossa realidade e por fim, a trajetória do autor escolhido para tema da pesquisa, Graciliano Ramos, trazendo assim sua biografia e as particularidades do romancista.

No terceiro capítulo são feitas leituras mais aprofundadas sobre as

¹No século XX, surgiu um movimento que queria renovar o estilo da Literatura, rompendo com a Literatura tradicional do século XIX (Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo), buscando, assim, inovações modernas para o novo século: é o **Modernismo** (antes houve um momento de transição chamado de Pré-Modernismo). Os modernistas queriam uma Literatura **livre**, sem "fórmulas" e sem regras, sem palavras cultas e formais demais, sem o rebuscamento do vocabulário, sem a cultura tradicional e acadêmica.

concepções de lugar, trazendo elementos relacionados à percepção e intersubjetividade do mesmo, observados a partir do cotidiano do autor e dos personagens revelados nos romances.

Por fim, as últimas considerações da pesquisa, são indicações do alcance dos objetivos propostos e das questões que inicialmente nortearam o desenvolvimento do trabalho, complementando assim o texto com possíveis sugestões de estudo, e ressaltando a importância deste tipo de análise numa Geografia que reinventa-se de tempos em tempos não esgotando as possibilidades interdisciplinares e dialógicas em torno do tema apresentado.

A presente dissertação apresenta uma discussão dos conceitos, lugar e região sob aspecto e olhar contemporâneo, como contribuição e incentivo para pesquisas na linha da Geografia cultural. Ao se constatar que a incorporação da Geografia cultural entre os geógrafos brasileiros se deu de forma tardia (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004), as novas abordagens da Geografia cultural na arte literária só virão contribuir para ampliação, embasamento e discussão teórica dessa vertente geográfica. Além de tamanha contribuição, torna-se interessante também discutir o caráter regional das obras e os fatores que as compõem, interpretando estes lugares sertanejos, múltiplos e carregados de intersubjetividades e que os conceitos escolhidos (principalmente o lugar) abarcam, haja visto que este contém elementos epistemológicos que nortearão a problemática.

Para além disto, o contexto paisagístico fortemente presente nos romances, permite ao leitor refletir, criticamente, sobre as características políticas, econômicas e sociais da região nordestina onde as oportunidades parecem então ser dificultadas pelo clima seco, podendo isto ser expresso através das falas, dos grunhidos e até mesmo do silêncio de alguns personagens no discorrer das obras escolhidas. Imbuídas ou não de um imaginário nacional que relaciona o atraso econômico e social ao clima inóspito e árido, deixo essas certezas/incertezas para o decorrer do trabalho.

De natureza essencialmente teórica e bibliográfica, esta pesquisa consistiu em uma reflexão sobre a representação do lugar e da região no contato com o discurso literário da obra *Viventes das Alagoas*, *São Bernardo* e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, publicados respectivamente nos anos de 1962, 1934, 1938.

Como aportes teóricos iniciais foram utilizados autores clássicos e contemporâneos na linha da Geografia cultural atrelados à algumas incursões da

Geografia humanista e cultural onde autores como Corrêa (2003; 2007), Marandola (2006), Holzer (1997), Relph (1979), Monteiro (2002), Tuan (1983), contribuem sejam em aspectos históricos, sociais ou epistemológicos. Sendo assim, esta dissertação ganha ao longo de seu desenvolvimento, uma interdisciplinaridade de conhecimentos que fomenta a importância do desenvolvimento e do amadurecimento da capacidade de se “ler” os lugares das Alagoas e de Graciliano sob diferentes pontos de vistas, sendo estas perspectivas inerentes às discussões que envolvem esta corrente geográfica.

Sobre esta interdisciplinaridade existente no contexto em que estão inseridas a ciência geográfica e as artes será interessante pontuar que nas últimas décadas, nas reflexões que envolvem a ciência, de maneira geral, as discussões acerca das possibilidades de rearticulação dos saberes ganharam densidade. O autor Edgar Morin (2003) aponta a literatura, ao lado das outras artes e da filosofia, como centro unificador e transdisciplinar para o ensino, pois esta será responsável pela aproximação de diversas discussões em uma única obra, permitindo então num único texto, o contato de diferentes saberes que se interligam.

“A busca pelo conhecimento não pode excluir a priori nenhum enfoque” (LEIS, 2001, p.9 apud LEIS, 2005 *on-line*). O que interessa é o avanço do conhecimento através de suas diferentes manifestações. Assim como a filosofia não pode excluir a ciência, nem vice-versa, também não se pode excluir qualquer abordagem do trabalho científico interdisciplinar. Parece oportuno lembrar a sugestão deste mesmo autor, quando reivindica que o conhecimento deve ser empírico, interpretativo e crítico, ao mesmo tempo. Esta proposta converge, plenamente, com o dia a dia da prática transdisciplinar. Indo além, podemos considerar, hoje, que conhecimento e ensino se constituem, por excelência, como fruto de um esforço interdisciplinar, no contexto de uma transformação cultural que facilita tal esforço.

Quando me interessei em adentrar o fascinante mundo da Geografia cultural, sob análise da Geografia e a literatura, parti da premissa básica do “enriquecimento” que a percepção dos lugares e das regiões nos textos literários pode trazer aos estudos geográficos. Os registros de uma obra literária sejam de âmbito informativo ou não, fictício ou não, revelam e narram qualidades do lugar vivido por quem o escreve. Foi pautada nessa certeza/incerteza que como pesquisadora ainda em fase inicial, me interessei por pesquisar mais a fundo as

relações existentes entre a Geografia a literatura, especificamente na obra de Graciliano Ramos. Na crença de que a poesia e a criatividade são inerentes à condição de existência dos seres humanos, o filósofo Nietzsche (1998, p. 59) chegou a afirmar que “é no fenômeno arte que deciframos o mundo”, este acreditava que o mundo ideal só era possível a partir do imaginativo e da poesia. Para ele, “o poeta só é poeta porque se vê cercado de figuras que vivem e atuam diante dele e em cujo ser mais íntimo seu olhar penetra” (NIETZCHE, 1998, p.59).

Por também acreditar nisto e por entender que a dimensão dialógica existente entre a Geografia e a literatura não se limita em descrever lugares e analisar paisagens, como por muito tempo se pensou, trago como contribuição esta análise.

Os estudos de Monteiro (2002, p. 14) possuem grande representatividade nesse sentido, na medida em que sua proposta de abordar o “conteúdo geográfico em criações romanescas” foi “acolhida” em diferentes pesquisas que pretendiam apontar para a contribuição que a literatura pode trazer à ciência geográfica. Para Monteiro a noção de “lugar” na literatura contém uma “verdade” que estaria “além” daquela advinda “da observação acurada, do registro sistemático de fatos” (MONTEIRO, 2002, p.14).

No processo de elaboração de uma justificativa coerente para minha pesquisa ser desenvolvida, refleti acerca das minhas experiências de vida. Por ser filha de escritora, sempre vi e ouvi minha mãe escrever e ler em voz alta seus poemas e crônicas, todos (as) construídos (as) a partir do que vivenciamos em família. Esses textos, inconscientemente, despertaram em mim desde muito nova uma sensibilidade incomum, onde creio que somente o contato muito próximo com as artes seriam capazes de desenvolver numa criatura ainda em fase de formação pessoal. Isso tudo, hoje, é muito clarividente, mas antes, na infância, nem eu, nem minha mãe e muito menos seus textos imaginariam a repercussão e inspiração que isto traria à minha formação posterior.

Ainda como justificativa esta pesquisa consiste na busca da construção de um diálogo entre a Geografia e a literatura, fazendo paralelos entre as obras regionalistas *Viventes das Alagoas*, *São Bernardo* e *Vidas Secas* de autoria de Graciliano Ramos permeadas pelas categorias/conceitos de lugar e região. O nordeste, sempre foi alvo de muita pesquisa e especulação por parte dos estudiosos e, por acreditar que o autor Graciliano Ramos é um ícone com grande

representatividade regional e um autor ao qual tenho profunda admiração, buscou-se ao longo da pesquisa fazer uma inter-relação entre a percepção dos protagonistas dos textos (e conseqüentemente do autor, por acreditar que o muito deste é revelado, no ato da construção literária) sobre o lugar vivido, a realidade social da época retratada, coordenação de sujeitos em diferentes lugares, o movimento das informações através do espaço, incorporando novas formas de apreensão destes.

Graciliano Ramos, sendo um clássico regionalista da década de 1930, com certeza muito já foi pesquisado sobre suas obras, porém cada pesquisador possui dentro de si, um universo de sensibilidades que o permite a releitura de obras, sejam elas clássicas ou não, pois, o olhar do pesquisador é muito singular e inúmeros pontos de vista podem ser revelados assim como outros questionamentos serem levantados a partir daí.

Existe atualmente, mais precisamente a partir dos anos 1990, uma multiplicação de olhares e leituras que entrelaçam a ciência geográfica à cultura e às artes de maneira geral (CLAVAL, 2014). Porém, ao se propor uma pesquisa abordando e analisando estudos geográficos na literatura “graciliana” considera-se os elementos regionais como aspectos existentes e importantes para compreensão desta região como um lugar, sobretudo a partir da escrita do autor e através dos personagens existentes nas obras escolhidas.

Relembro e acho importante registrar logo nas primeiras linhas do trabalho iniciado, uma afirmação que ficou marcada na memória em um dos eventos que participei no ano de 2015, onde o Prof. Dr. Eguimar Felício, da Universidade Federal de Goiás (UFG) provocou a plateia numa breve e eloquente apresentação ao dizer: “A literatura e as artes como um todo não devem servir para adornar a ciência, mas para fazê-la sangrar”. Esta com certeza foi uma afirmativa/desafio que permeou todo o desenvolvimento deste trabalho.

QUESTÕES NORTEADORAS

a) É possível desvelar a relação dos sujeitos (personagens e autor) com os lugares de suas vivências através da literatura?

b) Analisar eventos pela subjetividade da arte, materializada na obra literária possibilita conhecer contextos culturais geográficos de determinada região?

c) De que forma a arte literária reverbera o cotidiano, a experiência e costumes de determinado lugar e região?

OBJETIVOS:

GERAL

Compreender e interpretar as possibilidades de diálogo existentes entre a Geografia e a literatura, fazendo paralelos entre as obras *Viventes das Alagoas*, *São Bernardo* e *Vidas Secas* do autor Graciliano Ramos correlacionando-as com os conceitos geográficos de lugar e região.

ESPECÍFICOS

a) Estabelecer uma leitura dos lugares a partir da literatura “graciliana”, considerando a percepção do autor e personagens como uma dimensão da realidade;

b) Interpretar a representação do imaginário nordestino através dos quadros e costumes que aparecem na obra escolhida;

c) Compreender que/quais fatores históricos e geográficos são revelados no texto, contextualizando-os à época.

CAPÍTULO 1

1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste primeiro capítulo, foram elaboradas discussões evidenciando os conceitos eleitos como centrais para o estabelecimento de uma relação dialógica entre a Geografia e a Literatura. Nesta direção, este capítulo inicial se apresenta com o intuito de questionar as formas analíticas hegemônicas do pensar geográfico institucionalizado, compreendendo que estas formas podem ser enriquecidas com o diálogo com outras áreas do conhecimento. É válido destacar que o instrumental teórico/ metodológico que serve como base para análise do objeto de pesquisa é dado a partir da análise do discurso, assim como algumas breves incursões na fenomenologia.

1.1 Interfaces entre Geografia e literatura no contexto da Geografia humanista e cultural

Há de se considerar que a Geografia Cultural tem priorizado o estudo a respeito das diferentes perspectivas e entendimentos sobre como os espaços real e o imaginário são constituídos, construídos, organizados e entendidos e, também, como estes se relacionam entre si. Seu surgimento se deu a partir do resgate de fatores subjetivos e criados pelo homem passando a obter maior ênfase após a década de 1980, onde os fundamentos estritamente vinculados ao econômico e ao concreto começaram a perder seu poder explicativo, ou serem questionados. Tal concepção remonta umas três décadas, quando se constituiu uma nova perspectiva na Geografia, propondo ao geógrafo uma concisa apreensão das relações que os homens mantêm com seu entorno, de como eles criam lugares, de como atribuem um significado ao espaço e dão um sentido de lugar a ele. O avanço na Geografia cultural consolidou-se devido aos suportes e contribuições teórico-metodológicas que diversas disciplinas como a Antropologia, a História e a Filosofia trouxeram ao longo do tempo, ao mesmo tempo em que houve a necessidade do aprofundamento das ciências humanas acarretando conseqüentemente na dinamização da ciência geográfica sob o prisma social.

Este diálogo entre variados estudos foi de fundamental importância para explicação das origens e motivações das diferentes formas de ocupação do espaço, mesmo quando eram semelhantes os desafios impostos pelo ambiente natural.

A Geografia cultural nasceu da diversidade dos gêneros de vida e das paisagens. Aparentemente condenada ao declínio pela uniformização técnica, ela reencontra seu dinamismo ligando-se às representações e aos sentimentos de identidade a elas vinculados (CLAVAL, 2014, p.25).

Por entender que a Geografia é a ciência que estuda e interpreta as relações entre a sociedade e a natureza e suas espacialidades, buscando através do método científico formas para ler, conhecer e modificar a realidade do espaço seja em relação aos lugares e as regiões produzidas e imaginadas pelo homem surgem então diversificados meios capazes de entender e interpretar a realidade espacializada por este homem, embasados, constantemente, no pensamento geográfico, oferecendo aos estudos da Geografia cultural, infinitas possibilidades de compreensão da atuação/ transformação do/no espaço habitado e vivido. A partir desta dinâmica surgem novos campos de estudo, calcados nesta vertente da Geografia cultural, inaugurando, então, uma nova abordagem geográfica através das artes generalizadas.

O saber geográfico contempla expressões e categorias como o espaço, região, paisagem, território e lugar. A materialidade inerente a estas categorias está imbuída de elementos imateriais e intangíveis aflorados nas paixões, nos conflitos, nos risos, dores, cores, odores e sons diversos. Contemporaneamente, estudos da corrente humanista dão maior destaque ao lugar, onde particularmente propõe-se em explorar esta categoria/conceito trilhando-a à luz de campos filosóficos como a fenomenologia e hermenêutica. Vale salientar que os preceitos dessa vertente são a compreensão, as experiências, as questões afetivas, as relações estabelecidas entre os sujeitos e seus locais de moradia e trabalho, a religiosidade, o lazer e o entretenimento compondo as chamadas “Geografias existenciais” (SAMUELS, 1981 apud MELLO 2001).

Essa perspectiva, renovada, implica em uma outra forma de interpretar e de fazer a Geografia. É a que propõe Cosgrove (2003), quando trata a Geografia como uma humanidade e como uma ciência social. Esse é um desafio para os

geógrafos que querem trilhar outras abordagens teóricas e metodológicas na ciência geográfica, estabelecendo uma conciliação entre ciência e arte, razão e sentimento.

Ainda nessa perspectiva renovada da Geografia, é importante lembrar que o viés cultural na Geografia, teve um significativo papel na história do pensamento geográfico que ofereceu à disciplina grandes contribuições para compreensão da ação humana no espaço geográfico.

Os estudos intrínsecos à Geografia Cultural devem considerar primeiramente como pilares conceituais três países, nos quais surgiram e desenvolveram-se as pesquisas relativas a esta temática. Neste sentido, destacam-se: a Alemanha, com Friedrich Ratzel (1844-1904), a França, com Paul Vidal de La Blache (1845-1918) e os EUA, com Carl Sauer (1889-1975).

É relevante voltar às origens do estudo, lembrando que foi nos Estados Unidos que a Geografia cultural teve seus primeiros apontamentos, ganhando identidade a partir da obra de Carl Sauer e demais seguidores, iniciando-se na Escola de Berkeley e posteriormente disseminando-se para outras Universidades. Sauer e demais geógrafos sauerianos sempre estiveram calcados no historicismo, privilegiando temas principais como a cultura, história da cultura e áreas culturais.

Sauer vê a cultura, primeiramente como o conjunto de instrumentos e artefatos que permite ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai mais além: a cultura é também composta de associações de plantas e animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torna-lo mais produtivo (CLAVAL, 2014, p.39).

A dimensão cultural entre os geógrafos franceses será fortemente representada por Vidal De La Blache (1845-1918) concebendo o estudo das influências que o meio exerce sobre as sociedades humanas. Segundo este autor a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens, sendo a cultura então o que se interpõe ou intermedia o homem e o meio ao mesmo tempo em que humaniza as paisagens (LA BLACHE apud CLAVAL, 2014, p. 43).

Chegadas às décadas de 1960 e 1970 inúmeros trabalhos sobre Geografia cultural foram realizados seguindo o mesmo viés dos desenvolvidos no início do século XX, porém perdem força e declinam entrando em crise. Assim historiadores passam a dar a continuidade às pesquisas até então desenvolvidas no campo da ciência geográfica.

Muitos geógrafos hesitam, entretanto, em dar continuidade a trabalhos cuja inspiração lhes pareça ultrapassada. Outros especialistas vêm, então, suceder-lhes: Na França, a história das paisagens e de sua moldagem pela cultura é cada vez mais escrita pelos historiadores (CLAVAL, 2014, p.55).

Na obra a Geografia Cultural de Paul Claval (2014), o campo analisado teve origem nos anos 1890 onde, particularmente, na Alemanha, os caminhos e a identidade da Geografia ainda buscavam se estabelecer. Demais geógrafos franceses, alemães e americanos neste período até os anos 1940 privilegiavam a paisagem cultural e os gêneros de vida, estes como sendo resultantes da relação entre a sociedade e a natureza.

A partir de 1970 a Geografia Cultural passa então por um momento de renovação, neste período discursos epistemológicos, teóricos e metodológicos emergem de maneira muito fortalecida gerando então nos anos posteriores a Geografia Cultural renovada, quando surgem periódicos importantes e especializados escritos por Paul Claval que marcaram esta fase. Além disso, muitos esforços são feitos para ultrapassar o caráter descritivo existente na Geografia, representados por Denis Cosgrove na Inglaterra e James Duncan nos Estados Unidos (mais conhecidos) que apesar de não compartilharem as mesmas preocupações tinham, em comum, o interesse pelas representações religiosas.

Neste mesmo ano muitas críticas foram feitas em relação à visão de cultura supraorgânica² e as análises desvinculadas aos fatos ocorridos na sociedade da época e que fizeram a Geografia Cultural se reinventar:

a Geografia humana ganha em profundidade. Seu propósito não é mais partir do espaço e da paisagem para estudar suas especificidades e a maneira pela qual são diferenciadas regionalmente. De agora em diante trata-se de compreender como a vida dos indivíduos e dos grupos se organiza no espaço, nele se imprime e nele se reflete (CLAVAL, 2010, p.40).

É válido ressaltar que esse processo de renovação sofreu diversas influências dentre as quais a própria tradição Saueriana, o legado Vidaliano e a

² O modo de supraorgânico na Geografia cultural reifica a noção de cultura, atribuindo-lhe status ontológico e poder causativo. Esta teoria da cultura foi esboçada pelos antropólogos Alfred Kroeber e Robert Lowie durante os primeiros 25 anos do século XX, posteriormente elaborada por Leslie White e transmitida para Carl Sauer e alguns de seus alunos em Berkeley. Segundo esta teoria a cultura é vista como uma entidade acima do homem, não redutível as ações dos indivíduos e misteriosamente respondendo as leis próprias. Argumenta-se que a explicação deve ser descrita em termos de nível cultural e não em termos de indivíduo (DUNCAN, 2002).

própria fenomenologia, o relacionamento com as humanidades e a Geografia social (CORREA; ROSENDAHL, 2004).

A tomada de renovação pela qual passou a Geografia como dito anteriormente se deu a partir de 1970, manifestando-se em quase todos os países da mesma forma, passando o lugar a ganhar sentido para os que o habitam e usufruem. Este lugar passa a não ter somente uma função, uma forma ou cor, mas ganha outras características, aproveitando-se de pesquisas no campo da psicologia e a literatura também passa a dialogar com os estudos geográficos. Sobre este processo de mudança Claval (2014) contribui:

O romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos de seus personagens e através de suas emoções. [...] Os trabalhos sobre os sentidos dos lugares e sobre aquilo que a literatura ensina a esse respeito são numerosos no mundo anglo-saxão desde o início dos anos 1970 (p. 63).

Paralelamente a este trabalho de renovação da Geografia Cultural, onde Armand Frémont marcou ao questionar o sentido dos lugares, percepção do espaço e contribuições da literatura, surgem novas reflexões que não renunciam aos aspectos materiais da cultura, mas atentam para as paisagens, descrevem os sentimentos dos indivíduos e aproximam-se das humanidades.

Sobre a perspectiva humanista, geógrafos da época se preocuparam e passaram a utilizar a perspectiva fenomenológica a partir do descontentamento com o uso dos modelos mecânicos e científicos da Nova Geografia. Estes geógrafos definiram o lugar como um conceito que se refere ao espaço vivenciado/experenciado pelos seres humanos, pautados na certeza da existência de uma relação dialética entre as experiências dos sujeitos e o conceito de espaço geográfico. Para Tuan (1983 p. 389) espaço e lugar definem a essência da Geografia. Mas o lugar, ganha destaque na corrente humanista, pois ele “significa um conjunto complexo e simbólico que pode ser analisado a partir da experiência individual de cada ser, a partir da orientação e estruturação do espaço”.

Atualmente, o conceito de lugar é fundamental para o aprofundamento dos estudos da Geografia. No entanto, é importante lembrar que esta categoria só alcançou maior visibilidade na ciência geográfica no final dos anos 1960. A Geografia enquanto ciência deu pouca atenção ao lugar no decorrer da sua

construção, ganhando importância quando relacionado ao surgimento de abordagens teóricas que procuravam destacar valores humanistas orientados pelas filosofias dos espíritos, dando atenção à diversidade, a heterogeneidade e a diferença (Geografia Humanista e posteriormente a cultural) e o movimento de mundialização que forjou uma oposição entre o local-global, mundo-lugar a partir da subjugação do segundo pelo primeiro.

1.2 Geografia e literatura: uma proposta de diálogo

Diversificadas são as maneiras de abordagem da Geografia para com a literatura, muito embora, quantitativamente, predominem os trabalhos que exprimem pontos de vista humanistas; é preciso apontar que também são propostas outras abordagens, tanto no sentido da história, da crítica social ou no sentido da linguagem e do discurso.

Os livros são extensões da memória e da imaginação. “Ou se acredita na literatura ou não se acredita em nada”, estas foram palavras de Délio Pinheiro (2015), proferidas no I concurso Literário Milton Santos e que ilustram bem como a leitura geográfica de obras literárias, mesmo que fictícias, nos possibilita uma melhor compreensão e materialização do lugar vivido na medida em que através desta concepção e através da subjetividade é que a Geografia pode enriquecer e dialogar com a realidade existente no espaço.

Para Silva e Araújo, H. (2007) a literatura possibilita conhecer espaços e lugares, porque é da realidade concreta que o escritor recobra os elementos para a construção do universo ficcional de sua obra literária, este seria um processo de recriação no qual se evidencia a relação entre o espaço e a literatura.

Sem a utilização dos lugares e configurações geográficas, o escritor teria dificuldade em desenvolver a sua obra literária, mesmo ficcional, pois a compreensão seria dificultada pela falta de parâmetros para o leitor visualizar mentalmente os elementos da história; portanto, a leitura geográfica se configura indispensável para o entendimento do pensamento literário.

A união que se dá, entre estudos geográficos e estudos literários, vem destacar a importância do surgimento desta Geografia renovada. Esta se inventou e reinventou, rompendo as barreiras existentes entre as diversas disciplinas e campos de estudo. Frémont (1980, p. 89) expressa esta quebra de barreiras quando, em sua

obra, evidencia a intrínseca relação: “os geógrafos estão abertos à literatura e à arte e os homens de letra a par da Geografia. Descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço”.

A literatura está associada desde o início aos trabalhos sobre o espaço vivido, campo que tem dado lugar a inúmeras investigações. As pesquisas sobre o espaço vivido encontraram na literatura um meio de fazer face aos aspectos ‘monótonos e fastidiosos’ da Geografia escolar (BROUSSEAU, 2007, p.21).

As obras literárias regionalistas vêm contemplar as mais diversas discussões que a Geografia é capaz de abordar acerca não só do mundo real experienciado em que o homem está inserido, mas como do fictício ou imaginário, haja vista que o mundo é repleto de subjetivismos, tão fundamentais para a existência humana.

Constata-se que houve uma multiplicação de olhares e leituras acerca de obras ficcionais; no entanto a literatura regional por muito tempo foi negligenciada e colocada como pano de fundo, por estar fora dos padrões impostos pelas editoras, meios midiáticos. Sobre isso refletiremos mais à frente.

Este interesse dos estudos da Geografia pela literatura não é algo prematuro. A princípio ele foi discutido na utilização dos romances como forma de complemento das análises regionais. A literatura poderia servir então como fonte preciosa e capaz de avaliar a originalidade-personalidade dos lugares, fornecendo exemplos dinâmicos de análises espaciais. A temática Geografia e literatura permitiu que várias tendências se tornassem matéria de reflexão, tanto em relação à crítica social quanto nos discursos da representação do espaço e dos lugares. A literatura contemporânea deixou de ter como cerne, entre os estudiosos do meio geográfico, apenas os fatos relacionados à natureza e ao meio físico passando a dar maior relevância ao lugar e as suas mais diversas significações, assim como também as relações existentes entre os sujeitos e os lugares.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, um dos principais expoentes destes estudos no Brasil, assinala a natureza destes e suas características:

Em verdade, toda uma trama, um enredo que se desenrola sobre uma cena, tudo é narrado num romance, acontece (‘tem lugar’) num continuum espacial mais ou menos definido, e a participação do leitor – que não é totalmente passiva como na leitura jornalística – tende a

identificá-la a uma realidade concreta, ou seja, 'geográfica'. Mas, em tanto que na criação artística, ficcional, haverá, forçosamente, um 'espaço artístico' que não pode ser reduzido aos limites estreitos de uma paisagem real.

[...]

não quer dizer, de nenhum modo, que a criação literária substitua a Geografia, mas é preciso que se considere uma possibilidade de complementação enriquecedora. E daí a necessidade de promover a relação geográfica-literatura como veículo de educação no ensino médio. E reconhecer também que, por mais tabelas de dados e comprovações científicas que uma análise geográfica possa fornecer, haverá uma possibilidade de que um artista criador – na alta literatura – com outros recursos tenha o poder de criar uma 'realidade infinita' (MONTEIRO, 2006, p. 61).

Inúmeros pesquisadores em ciências humanas vêm recorrer às fontes literárias como forma de encontrar e/ou revelar informações sobre lugares ou épocas que já não fazem mais parte do nosso presente cotidiano. A esse respeito questionava-se a capacidade dos autores em reproduzir, objetivamente, os lugares e as paisagens. No entanto, através da pesquisa em obras literárias tornava-se possível destacar melhor a “personalidade” de um lugar ou região, contribuindo para que os estudos geográficos melhor se reproduzissem nas análises específicas. Sobre esta afirmação Claval (2010, p.57) contribui:

A experiência geográfica vai muito além do real. Os homens têm a capacidade de falar de lugares que eles nunca viram e que talvez não existam. Eles lhes atribuem propriedades que faltam aos espaços conhecidos. O imaginário que eles constroem dessa forma dá ao mundo uma dimensão poética.

Ainda neste contexto, a Geografia moderna deixa de ter como tema central o meio natural passando a dar maior relevância ao conceito de lugar e ao significado que é dado a ele. Alguns raros artigos publicados antes dos anos 1970 já debatiam o uso de romances como complemento de análises regionais. Destacam-se geógrafos como John Wright (1924), Pierre Monbeig (1940) e Fernando Segismundo (1949) que naquela época já reconheciam o valor da literatura para conhecer e compreender regiões, lugares e paisagens. Márc Brousseau (2007, p.18) chegou também a destacar autores como Gilbert (1960) e Paterson (1965) que de certa maneira inseriam algumas características literárias na tradicional Geografia regional histórica.

De diferentes formas e com diferentes abordagens e concepções sobre o que é ciência, Geografia, arte e literatura, geógrafos tem buscado cada vez mais trilhar essas fendas que por muito tempo distanciaram os diferentes campos do saber.

Enquanto a história do pensamento geográfico testemunha a comunhão que os relatos históricos, geográficos e literários possuíam, principalmente no renascimento, não tardou muito para que a literatura viesse a ser incorporada enquanto conhecimento de igual valor àqueles oriundos de investigações científicas. Este movimento na Geografia ganha força e corpo com os estudos humanistas, a partir dos anos 1970, e da renovação da Geografia cultural, especialmente, a partir dos anos 1990 (BROUSSEAU, 1996 apud ALMEIDA, 2010).

Segundo Moreira (2007), a literatura não é alheia à realidade humana, a realidade da ciência e a subjetividade da arte e sim são modos de interpretação-representação do real, daquilo que é vivenciado. Entendendo que não há neutralidade de opiniões, o autor/escritor quando faz parte de uma sociedade ou determinado grupo social, com certeza sofrerá influências na forma de ver, sentir e, por fim, retratar o mundo. Desta forma, a produção de um autor traz embutida ideias e conceitos, que Dezan e Filho (2005) intitulam de visão de mundo. Para eles os relatos e/ou a literatura baseada na realidade vivida ou em momentos fictícios criados por determinado autor, vão possuir sempre embasamento na própria experiência e visão do mundo de quem os escreve.

Para o enriquecimento da discussão é interessante trazer a perspectiva de Frémont (1980) que, ao analisar a região como espaço vivido, concebe a percepção como uma das relações fundamentais entre o sujeito e o espaço, que passam a auxiliar na compreensão, não só da região, como de seus “lugares”, porque, aquela não é produto do acaso, mas das relações vividas, combinando fatores como a individualidade e a intimidade de cada um. Para ele, o espaço vivido é o único capaz de revelar as realidades espaciais, constituindo a integração, o motivo do ser e do existir de um lugar. Deste modo, é a concepção dos componentes que estruturam e ordenam as realidades regionais - administrativas, histórica, ecológica, econômica, psicológica, que leva o homem a sentir, a modelar este espaço conforme seus conhecimentos pessoais, influenciados também pelo próprio espaço.

De acordo com Almeida (2010, p.10) a literatura produz certo tipo de conhecimento que nenhuma outra ciência produz. Sobre este conhecimento referem-se ao conhecimento criativo, estimulante do pensamento e da imaginação, sendo esta última, a base do conhecimento na arte literária. Bachelard (1989, p.193) coaduna com esta afirmativa, ao pontuar que o verdadeiro campo da imaginação não é a pintura, mas a obra literária. Para ele “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1993, p.19).

Este conhecimento criativo expresso nas mais variadas formas de imaginação, podem assumir um caráter apenas simbólico. Como contribuição Castro e Gomes (2012) pontua que as formas simbólicas podem ser materiais ou imateriais, dentre as quais encontram-se a linguagem oral e escrita, na qual figuras de linguagem e metáforas são meios pelos quais significados podem ser criados e recriados.

Para Chelotti (2008, p.54) a aproximação com a literatura está relacionada com o “resgate dos elementos subjetivos” nos estudos geográficos que teria sido protagonizado pela “Geografia Cultural”. Chelotti defende que a atual “guinada” dos estudos culturais no campo da Geografia não pode ser encarada como “modismo”, pois retoma temas “clássicos” da Geografia:

Ao investigar a evolução da Geografia enquanto área do conhecimento, identificamos que desde La Blache, pai da Geografia humana francesa, e que influenciou a brasileira, os aspectos culturais, simbólicos, imateriais estavam presentes quando se descrevia as paisagens, os lugares, as regiões (CHELOTTI, 2008, p.54).

O autor acredita que o ressurgimento dos estudos culturais teria sido motivado pela “crítica a uma Geografia eminentemente economicista e que estava negando suas raízes empiristas e descritivas” (CHELOTTI, 2008, p.54). Os fundamentos “estritamente econômicos” aos quais se refere esse autor teriam produzido efeitos negativos nas análises geográficas de maneira que estas “começaram a perder seu poder explicativo”.

Já para Albuquerque Júnior (2014, p.41), obras de arte podem ser analisadas enquanto discursos produtores da realidade:

As obras de arte têm ressonância em todo o social. Elas são máquinas de produção de sentido e de significados. Elas funcionam proliferando o real, ultrapassando sua naturalização. São produtoras de uma dada sensibilidade e instauradoras de uma dada forma de ver e dizer a realidade. São máquinas históricas de saber

Nesse sentido, acredita-se que esta aproximação da arte e dos saberes humanos à Geografia quer mais do que identificar elementos reais na descrição dos lugares e das paisagens. Esta aproximação se consolida no entrelaçamento de saberes capazes de expressar como o indivíduo percebe o mundo.

1.3 Região e Lugar: entrelaçamentos possíveis

O lugar enquanto conceito-chave é o que melhor contempla as discussões propostas nesta pesquisa, portanto é de grande valia voltar no tempo lembrando que o lugar por muito tempo foi negligenciado. Ora associado a uma análise marxista, pensando-se os lugares como as distintas versões dos processos de reprodução do capital ao redor do mundo, ora a uma análise fenomenológica e humanista, entendendo-se o lugar como lócus da reprodução da vida cotidiana, permeada por diferentes visões de mundo e diferenciadas ideias de “cultura”. (SERPA, 2013, p.4)

Existem vários conceitos que podem ser aplicadas nas pesquisas de cunho geográfico. Para escolhê-las é preciso a definição prematura do objetivo e dos métodos de pesquisa. Nesta proposta de pesquisa o conceito geográfico escolhido foi “lugar”, pelo fato do mesmo conter elementos epistemológicos que nortearão às respostas para os questionamentos levantados.

Na perspectiva da abordagem traçada, segundo Holzer (1997), o lugar, assim como a paisagem e a região, é um desses termos que permitem à Geografia colocar-se como uma das ciências das essências proposta pela fenomenologia. Assim, o lugar é um conceito essencial para formulação de um mundo pessoal ou intersubjetivo, que interessa aos que se propõem a fazer uma Geografia não positivista. De acordo com Tuan (1983), o lugar, na linguagem coloquial, tem dois significados: posição da sociedade e localização espacial. Mas, além destes, existe outro mais profundo: ele possui espírito, personalidade, existe um sentido no lugar. Este sentido de lugar dá-se na apreciação estética, visual, audição, olfato, paladar e

tato, que exigem um contato com o espaço.

É interessante destacar no cerne desta discussão sobre o lugar os sentimentos despertados pelo espaço apropriado, pela convivência e pela felicidade como “topofilia”. Este conceito se contrapõe aos espaços vistos/tidos como indiferentes ou abandonados. Assim “os lugares considerados atraentemente vividos e onde relações de afeto existem tornam-se abrigos, refúgios, aposentos” (MELLO, 2001, p. 11).

Yi-Fu Tuan (1983, p. 200) avalia que os acontecimentos simples podem, com o tempo, se transformar em um sentimento profundo pelo lugar e incorpora sentimentos de afeição, admiração por lugares e paisagens valorizadas. De acordo com este mesmo autor o próprio caminhar adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos do lugar (TUAN, 1983, p.158).

A proposta de utilização do conceito de lugar na presente pesquisa baseia-se na concepção de Tuan (1983) onde este é visto como espaço cheio de simbologias e sentimentos agregados a determinado sujeito e também a grupos. As modificações que o “espaço sofre para se tornar um lugar” são referentes às experiências que ali estiveram e que ficaram na memória sendo boas ou ruins. Para Castro e Gomes (2012, p.56) a construção desta “lugaridade” envolve atitudes, valores, práticas e relações e está além da dimensão apenas física. Como exemplo, o sertão de que tratamos pode ser da repulsa para muitos, podendo ser lugar do reencontro, do prazer e da ludicidade para outros.

As bases metodológicas que permeiam a categoria lugar estão associadas à fenomenologia e ao existencialismo - também chamado de uma fenomenologia existencial, pelo diálogo estabelecido entre o homem e seu entorno, através da percepção, do pensamento, dos símbolos e da ação (BUTTIMER, 1982).

Segundo Almeida (2010) entre os geógrafos humanistas, a individualidade do autor torna-o soberano no seu papel de revelador ou de intérprete do sentido dos lugares e dos meios sociais em que viveu. Assim é impossível negar a intrínseca relação estabelecida entre natureza e sociedade, tendo em vista que o autor nada mais é que um indivíduo inserido num contexto de determinações sociais e geográficas não se neutralizando diante das particularidades dos mundos representados em suas obras. Assim compreende-se que o imaginário está condicionado pela realidade das desigualdades sociais e pela classe social do autor, onde estes são aspectos essenciais para compreender o mundo representado na

obra.

Para Edward Relph (1979) o lugar não pode ser definido em termos de localização, e sim, na construção da identidade das pessoas, ou seja, quanto maior a relação entre a pessoa e o lugar, maior é a identidade entre eles. O autor destaca que na experiência do lugar existe a sensação de pertencimento, da própria vivência prolongada, fundamental para a caracterização do lugar. Relph busca aprofundar a problemática do lugar em seus atributos essenciais, sociais e culturais, tendo sempre como pano de fundo a dimensão da experiência e da identidade dos lugares.

Santos, E. (2000) ao analisar a obra do renomado geógrafo Paul Claval reafirma a importância do estudo dos lugares para um verdadeiro entendimento dos processos de produção e reprodução espacial. Seu pensamento percorre dois caminhos básicos: reflexões filosóficas sobre a natureza do espaço geográfico e a compreensão do mundo, a partir das experiências em torno do vivido das pessoas, dando destaque à categoria lugar. O lugar “não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada” (SANTOS, E., 2000, p. 114).

Assim, o lugar, sob o ponto de vista de mundo vivido, leva a análise geográfica a uma outra dimensão: a dos objetos, das ações, das técnicas e do tempo. Daí advém a “força do lugar”, pois cada um deles tem sua história, expressa no modo de viver das pessoas, de se organizar e de se pensar alternativas. “Essa é uma realidade tensa onde a globalização e localização, globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência” (SANTOS, M., 1996, p. 252). O conceito “lugar” passa a conduzir o entendimento da transformação da natureza em produto cultural, por meio de valores, sentidos e sentimentos, gerados por determinadas sociedades com o seu espaço experienciado.

Ana Fani Carlos (2007, p. 43) sob uma ótica geográfica diferente das abordagens trabalhadas pelos autores utilizados nesta dissertação traz uma concepção urbanística dos lugares, que diferencia-se das discussões trazidas até aqui porém crê-se que esta autora contribui na construção do pensamento sobre o lugar dialogando com análise aqui desenvolvida, ressaltando que no “lugar emerge a vida... Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si. Tem a dimensão da vida”.

Numa proposta de abordagem dos lugares em contextos regionais é relevante retomar a trajetória do conceito de região, ressaltando que os debates e as discussões acerca dele são bastante antigos no âmbito da ciência geográfica. Ao contrário, nas demais ciências humanas e sociais as questões sobre o tema sempre foram pontuais, localizadas, importando mais à algumas “Escolas” e disciplinas e ganhando ou perdendo importância de acordo com determinadas conjunturas históricas.

A região como conceito acadêmico esteve e ainda está presente nas produções geográficas percorrendo uma trajetória epistemológica onde seu surgimento consolida-se, paralelamente, ao pensamento geográfico como conhecimento científico moderno. A região esteve/está em destaque na produção acadêmica geográfica, em alguns períodos, analisada como objeto central e, em outros, como conceito a ser superado.

Pretende-se nesta pesquisa compreender a região a partir do lugar vivido e das relações estabelecidas neste lugar. Acerca do espaço vivido, a análise está pautada no referencial teórico de Frémont (1980). Onde o espaço vivido para ele está intrinsecamente correlacionado com os sentimentos de felicidade que perpassam/ transitam nas mais diversas relações entre os sujeitos e os espaços, sendo em locais de trabalho, estudo, lazer ou familiar.

Ainda sobre a contextualização das questões regionais dentro das ciências humanas, para atenderem as aspirações de uma compreensão das problemáticas sócioespaciais mais condizentes com a realidade é válido ressaltar que esta passou por um processo de profunda reformulação epistemológica. Sobre esta mudança, a geógrafa Salete Kozel (2002, p.217) afirma que as representações:

Podem ser de significativa importância para as análises regionais ao mesmo tempo em que propiciam uma leitura interiorizada sob a ótica do cotidiano vivido pelos grupos sociais, fazendo-os compreender os sistemas de valorização e selecionando elementos importantes para a definição das regiões.

Segundo a autora “incorporar componentes mentais abstratos das representações permite passar da simples descrição regional à compreensão das relações existentes entre os atores sociais e sua organização espacial” (KOZEL, 2002, p. 217).

Servilha (2015, p. 308) afirma que as artes tornam-se o principal instrumento de sensibilização da população regional como necessidade de se autolegitimarem como sujeitos de sua história, enquanto possíveis protagonistas da história de seu espaço natal, “este significando, não mais suas cidades de origem (...) mas também sua região, vivenciada por muitos, como a escala central de sua identidade socioespacial”.

Este mesmo autor ainda questiona a possível consolidação de um sentimento de pertencimento socioespacial sem as artes enquanto instrumento de comunicação e sensibilização. Para ele “música, poesia e romances, entre outras artes, são promotoras de sentimento de pertencimento comum, inclusive socioespacial, e refletem interesses de diferentes grupos sociais”.

Gomes (2007) inicia suas reflexões acerca do conceito de região, apresentando a necessidade de compreendermos que o mesmo não se limita, historicamente aos saberes científicos.

Evitemos de imediato a sedutora tentação de procurar responder definitivamente a questão – o que é região – estabelecendo uma validade restritiva para este conceito, como se a ciência fosse um tribunal onde se julgasse o direito de vida e de morte das noções. Parece bem mais salutar começar justamente pelo oposto, reconhecendo a existência da noção de região em outros domínios, que não são os da ciência e, o mais importante, reconhecendo, ao mesmo tempo, a variedade de seu emprego no âmbito da própria ciência e particularmente na Geografia. Reconhecer aqui significa mais do que simplesmente assinalar a existência, significa aceitar seu uso, ser inclusivo destes outros meios de operar com esta noção, enfim, significa conceber nesta multiplicidade a riqueza e o objeto propriamente de uma investigação científica (GOMES, 2007, p. 49).

A região como um lugar, uma região vivida (FREMONT, 1980) estaria associada ao cotidiano, à apropriação simbólico/expressiva do espaço, às afinidades e afetividades, aos hábitos, à experiência cultural e aos modos de vida.

Pautada nesta concepção de lugares vividos, a autora Solange de Lima (2000) chama atenção para a dimensão mais orgânica da obra literária. Para ela não é apenas a dinâmica macro que a narrativa revela, mas também os valores dos indivíduos, que possibilitam uma visão reveladora da vida, do espaço e dos lugares vividos, por meio da “variedade de expressões existentes na perspectiva experiencial entre o indivíduo e seu mundo vivido” (LIMA, 2000. p.9).

Embora seja considerada por alguns uma abordagem egocentrada, os pesquisadores humanistas encontraram, nos romances, fontes para os seus estudos a respeito dos valores, das representações, das intenções, da subjetividade, da identidade e do enraizamento de pessoas nos lugares citados em obras literárias, revertendo o raciocínio de uma lógica puramente instrumental nas pesquisas geográficas. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p.28)

Cavalcanti (2002, p.19) nos diz que o “espaço geográfico não é apenas uma categoria teórica que serve para pensar e analisar cientificamente a realidade; ele é essa categoria justamente porque é algo vivido por nós e resultante de nossas ações”. A análise da professora reafirma a importância de se pensar os lugares e as regiões a partir do que é experienciado. Pensar a Geografia nesta perspectiva fomenta discursos que se abrem cada vez mais aos diálogos interdisciplinares. E nesta brecha, as várias manifestações/ expressões artísticas ganham força. Pensar Geografia- Literatura não se resume apenas à junção de duas áreas de conhecimento. Pensa-las univocamente resultaria numa transposição de discursos que diminui as inúmeras possibilidades de estudo e interpretação.

Pensar na relação entre os conceitos de lugar e região nos remete a uma afirmativa de Frémont (1980, p.122) “através dos lugares, localizam-se os homens e as coisas”. Desta forma valida-se com presente pesquisa que a literatura e a Geografia são campos indissociáveis que numa relação dialética os lugares e regiões são revelados pelo autor e personagens assim como estes são invariavelmente marcados pelos constructos que o cercam. Para o geógrafo francês, “o habitar não é a única maneira de nos situarmos. Todos os atos da vida, particularmente os que se repetem, implicam certas localizações de formas, de signos, de valores, de representações, e, por conseguinte criam lugares” (FRÉMONT, 1980 p.133).

1.4 A construção do método

Optou-se por utilizar a Análise do Discurso como metodologia e por também por esta conter uma abordagem transdisciplinar que dialoga perfeitamente com nossa proposta de pesquisa. Esta se aplica a outras teorias rompendo com fronteiras epistemológicas e operacionalizando diversos estudos.

Nesse sentido, a Geografia, ao longo de sua trajetória, tem contribuído para desvendar a realidade. Conceitos e categorias ora são problematizados e colocados em discussão, ora rediscutidos para que a realidade geográfica deixe de ser vista apenas pelo lado da observação e descrição e passe a ser interpretada por outras técnicas de pesquisa transportadas, muitas vezes, de outras áreas do conhecimento. Tanto a pesquisa quantitativa quanto qualitativa têm sido importantes recursos para esta análise. E uma não exclui a outra. O importante é a definição, pelo pesquisador, dos instrumentos a serem utilizados para responder às indagações propostas em consonância com o método de interpretação.

A literatura é linguagem que pode ser entendida enquanto discurso, ou seja, a forma mais convencional e institucionalizada de se comunicar. O discurso literário, portanto, segue determinados padrões estéticos, acadêmicos, e gramaticais que tomam determinadas formas e conteúdos a partir do contexto histórico, social, cultural, político, econômico, ideológico nos quais tanto o autor como o leitor se encontram.

Na Análise do Discurso torna-se necessária a compreensão da noção de sujeito, não se tratando de indivíduos isolados, mas constituintes de um espaço social e de um lugar.

Entendemos o autor Graciliano Ramos e os personagens das obras representados na figura do Paulo Honório, em São Bernardo, os retirantes em Vidas Secas, e os sujeitos retratados nas crônicas de Viventes das Alagoas como “sujeitos discursivos”. Estes, constituídos numa inter-relação social, sendo sujeitos polifônicos formados por uma heterogeneidade de discursos.

Fernandes (2007, p.22) reforça este pensamento ao exprimir que os sujeitos discursivos na Análise do Discurso devem ser apreendidos em um espaço coletivo, tratando-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade. Para ele “a voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social; de sua voz ecoam as vozes constituintes e/ou integrantes desse lugar sócio histórico”.

Numa compreensão da não homogeneidade dos sujeitos discursivos, entendendo-os a partir do entrecruzamento de diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos, a Análise do Discurso nomeará essa diversidade de vozes, de polifonia. Considerando a não uniformidade dos sujeitos esta polifonia será então heterogênea.

Fernandes (2007) pautado no pensamento de Mikhail Bakhtin nos dá a noção de como se configura esta chamada polifonia a partir de estudos desenvolvidos sobre romances.

No estudo dessa produção literária, Bakhtin pensou sobre o funcionamento do discurso como forma de refletir a complexidade do romance, sua estruturação pelos discursos e as diferentes vozes presentes em uma obra literária (FERNANDES, 2007, p.25).

Ainda na perspectiva de Bakhtin (1988), deparamo-nos com o conceito de dialogismo como parte que compõe o texto literário e que revela o discurso como interação entre os sujeitos.

Nesta perspectiva dialógica, vale pensar a utilização da Geografia enquanto uma ciência que venha no sentido de auxiliar o indivíduo no processo de entendimento de sua relação de localização espacial, em sua relação com o Outro, capacitando-o para melhor interpretar as experiências que o ser humano produziu em outro espaço-temporalidade por meio da criação que as mesmas sofrem na narrativa literária, permitindo assim, a produção de referenciais e sentidos polifônicos (BAKHTIN, 1988), que cobram as devidas interpretações para as experiências espaciais atualmente edificadas.

Para Brait (1997, p.98 apud Fernandes, 2007, p.25) “o dialogismo refere-se às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos”. É importante destacar que os conceitos de dialogismo e polifonia supracitados estão em consonância com a metodologia proposta na presente pesquisa. Estas não se limitam às ideias de Bakhtin mas estendem-se aos discursos cotidianos e perfazem a existência das pessoas no mundo.

Assim, Fernandes (2007, p.26) contribui:

A linguagem será apreendida sempre em uma situação social e histórica, na qual e com qual os sujeitos constituem-se pela interação social; o “eu” e o “outro”³ são inseparáveis e a linguagem possibilita-lhes a interação.

Já é sabido que para que uma pesquisa científica, seja ela qualitativa ou não, tenha êxito é necessária uma coerência em todo processo a ser desenvolvido.

³ O outro (minúsculo) para Bakhtin compreende o mundo social no qual o sujeito se insere.

Mais especificamente, na proposta metodológica da Análise do Discurso, alguns aspectos inerentes a este campo precisaram e foram trilhados para a elaboração desta dissertação. Dentre eles o recorte, segundo Orlandi (1984), o enunciado segundo Foucault (1995) e trajeto temático na perspectiva de Guilhaumou (2002 apud FERNANDES, 2007) Estes três aspectos embasaram procedimentos metodológicos de suma importância no processo elaborativo do trabalho.

De natureza essencialmente bibliográfica, buscou-se através da leitura e análise de três obras de Graciliano Ramos - *Viventes das Alagoas* (1984), *São Bernardo* (1988) e *Vidas Secas* (1998)- analisar os aspectos geográficos na literatura escolhida, possibilitando a abertura e fomento de reflexões a respeito das alianças possíveis entre diversificados campos do saber.

A partir da análise das obras, a construção do trabalho destacou as relações entre os lugares e o sertão como região na medida em que estas reflexões fornecem elementos para uma compreensão espacial.

O vínculo que se cria entre a literatura e a Geografia, por meio da escrita regionalista de Graciliano, faz surgir do universo narrado elementos que ajudam a esclarecer as relações entre os lugares e os personagens, construídas nas ações que estruturam uma obra literária, permitindo, então, interpretar a visão do autor acerca do tempo histórico representado. A análise aplicada às obras se deu de forma processual, a partir da leitura e interpretação das principais obras do autor, principalmente as de cunho regionalista, posteriormente foram selecionadas três narrativas onde contextos sertanejos e experiências cotidianas do autor se revelaram.

Conforme aponta Pêcheux (1997) nos estudos da Análise do Discurso, a teoria e metodologia são indissociáveis. Pautado nisso, Orlandi (1984, p.14) trata a noção de recorte como um “fragmento da situação discursiva”. Quando o pesquisador escolhe seu objeto de análise, ele precisa selecionar pequenas partes escolhidas, tendo em vista os objetivos da pesquisa. Entretanto, como pontua Fernandes (2007, p.61) “para proceder à análise, esses recortes devem ser considerados na inter-relação com o todo em que constitui o *corpus*.”

Sobre *corpus*, Orlandi (1999) reforça que a constituição dele é uma das primeiras coisas a se pensar na Análise do Discurso. A delimitação do *corpus* segue critérios teóricos e não empíricos. Assim, a análise é um processo que começa pelo estabelecimento do *corpus* e que se organiza face a natureza do material, neste

caso as obras do Graciliano Ramos, e a pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para conduzir a relação do pesquisador com seu objeto de pesquisa, com ele mesmo, com os sentidos e com a interpretação.

Parafraseando o autor supracitado, os textos então não são documentos que ilustram ideias pré-concebidas, mas monumentos nos quais se inscrevem as múltiplas possibilidades de leitura, e isto vai variar de acordo com a interpretação de cada sujeito-leitor.

O que nomeamos de texto, poderá ser uma palavra apenas (como símbolo), mas também todo um livro, ou vários livros, que na literatura apresentam-se como romances, por exemplo. É importante também destacar que na Análise do Discurso, a definição de texto não se altera, sendo ele escrito ou oral.

Assim, diante dos objetivos propostos, optou-se por uma abordagem metodológica qualitativa, sendo esta mais apropriada à realização deste estudo, pois parte-se do pressuposto que o lugar de memória é aquele experienciado tanto pelo autor como pelos personagens, dando-lhe sentimentos e significados, ao mesmo tempo em que correlacionamos Geografia e literatura. Buscou-se embasamento teórico nas correntes geográficas, cultural e humanista, onde nesta última nos restringimos à algumas incursões no conceito de lugar.

Trabalhou-se, mais especificamente no último capítulo desta dissertação este conceito e sua relação com o regionalismo buscando interpretar este lugar através das narrativas de Graciliano Ramos e da experiência do mesmo, dos personagens apresentados nas tramas e crônicas do cotidiano vivido/ observado pelo autor e por acreditar que tais registros literários perfazem este lugar vivido.

1.5 Os passos da pesquisa e a “pesquisa de campo”

Como procedimentos metodológicos, realizou-se num primeiro momento, à análise das obras do autor. Esta se estruturou de duas maneiras: uma primeira leitura geral, buscando afirmações produzidas pelos narradores, sujeitos e protagonistas dos textos, a respeito dos lugares “das Alagoas”. Posteriormente, como segunda análise, definiram-se quais as obras seriam trabalhadas buscando nas mesmas, elementos em comum.

A pesquisa bibliográfica permitiu então chegar-se à conclusão que seria também interessante a mescla no formato dos textos analisados, utilizando tramas completas como *Vidas Secas* e *São Bernardo* e textos mais curtos, no formato de crônicas, como *Viventes das Alagoas* proporcionando à pesquisa uma dinâmica entre o imaginado e o experienciado pelo próprio Graciliano. Concomitantemente esses textos foram confrontados aos conceitos geográficos lugar e região.

Neste amplo campo de reflexão, a Geografia e a literatura se entrecruzam como leituras possíveis de uma recriação imaginária da realidade, que constroem e dão sentido ao mundo. Ao mesmo tempo em que se aproximam ficção e realidade, observam-se, também, suas diferenças e constata-se que as narrativas literárias, geográficas e históricas são formas diferentes de percepção do real (ARAÚJO, H., 2007, p.24).

Vários filósofos e geógrafos tentaram definir o espaço ou buscaram aproximar-se do seu sentido. Assim, a abordagem da pesquisa recorre em alguns pontos à fenomenologia, por acreditar numa Geografia mais humanizada e por orientações metodológicas menos reducionistas – o que desde as últimas décadas do século XX, tem perpassado mais intensamente o atual movimento do pensamento geográfico – sendo necessário avançar ainda muito mais.

Por ser uma pesquisa de abordagem qualitativa, levou-se em consideração a investigação histórica e filosófica das obras e dos espaços onde as narrativas são passadas. Em pesquisas com esta vertente é importante destacar a ampla diversidade de filiações teóricas que a compõe, sendo elas oriundas da sociologia, da psicologia, da história, da linguística e das artes de maneira geral.

A primeira fase da pesquisa consistiu em levantamento bibliográfico das obras do autor. Como segunda etapa um campo foi realizado, visitando-se os lugares que “aparecem” nas obras, dentre eles as cidades alagoanas Palmeira dos Índios, Quebrângulo e Minador do Negrão, onde foram inclusive gravados os filmes *São Bernardo* e *Vidas Secas*. Em Palmeira dos Índios foi visitada a Casa Museu Graciliano, fundada em 1973, que, por muito tempo, serviu de moradia para o escritor onde atualmente, funciona como museu aberto à visitação, assim, obteve-se contato com objetos pessoais, esboços de manuscritos das primeiras obras, fotos e retratos antigos do autor e da sua família, móveis da casa da época etc.

O caminhar pela cidade, no universo narrado pelo autor como um dos passos preliminares para a consolidação da pesquisa e a leitura prévia das obras

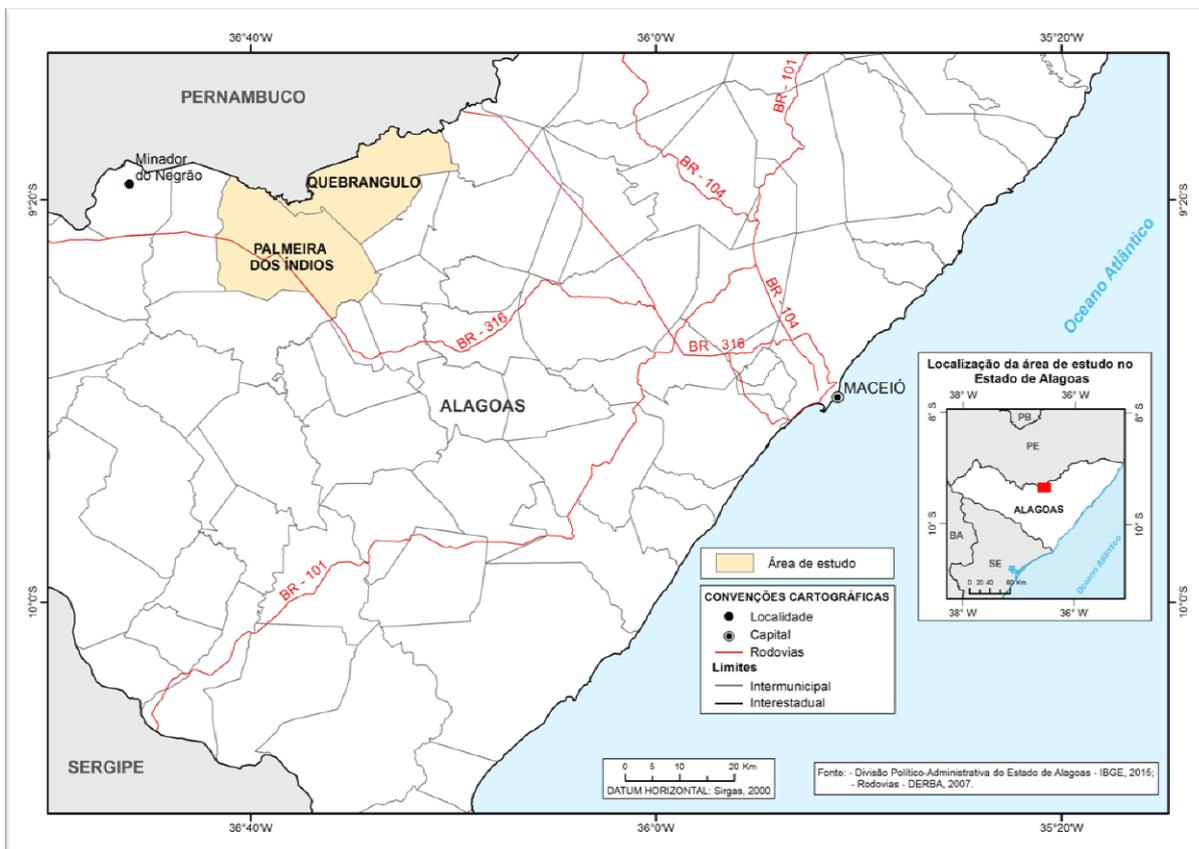
instigou todo o campo, enriquecendo-o, pois houve o constante confronto do que foi lido nas narrativas/ romances com o que estava sendo visto, anos após a escrita e lançamento dos textos.

Sobre esta dualidade na nomenclatura quando se faz referência às obras do Graciliano é relevante comentar que houve inicialmente a incerteza em como citá-las, hora referenciando-as como romances, hora como narrativas. Na busca por esta compreensão recorreu-se a Benjamin (1994, p. 201) que afirma que o que diferencia o romance de todas as outras formas de prosa – contos de fada, lendas e mesmo novelas – é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta, distinguindo-se especialmente da narrativa. Para Benjamin (1994) o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. Sendo assim, tratou-se no discorrer do texto, as obras como narrativas, pautada na análise preliminar das obras em que muito do autor foi revelado nas entrelinhas das tramas e crônicas.

Na proposta de se trabalhar com a interface dialógica Geografia e literatura, analisando os contextos regionais e os lugares nas obras de Graciliano Ramos buscou-se também na fenomenologia aportes teóricos que contribuíram para a compreensão das diferentes formas de percepção desse lugar, assim como os sentidos presentes na representação dos sujeitos-personagens e dos cenários das tramas.

Por entender que os lugares são imbuídos de significados e, por conseguinte, revelam modos de vida e particularidades locais, a literatura revela-se com tamanha expressividade materializando-se na obra do autor Graciliano Ramos.

Figura 1 – Mapa de localização dos municípios Palmeira dos Índios, Quebrângulo e Minador do Negrão, AL, Brasil.



Fonte: Elaboração Desirrê Alves e Anna Paula Leopoldino.

Figura 2: Parede lateral da Casa Museu Graciliano Ramos, Palmeira dos Índios, AL.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 3: Vista frontal-lateral da Casa Museu Graciliano Ramos, portão de entrada. Palmeira dos Índios.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 4: Placa Honraria cedida pela Prefeitura localizada em frente a Casa Museu Graciliano Ramos.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 5: Primeiras edições de algumas obras do autor Graciliano Ramos.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 6: Vista panorâmica parcial da área urbana do município de Palmeira dos Índios, retirada do Cristo (monumento turístico e importante local).



Fonte: Acervo da autora

CAPÍTULO 2

2 GRACILIANO RAMOS: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DE TRÊS OBRAS

Na obra do Graciliano Ramos constata-se um alcance universal das narrativas por meio da demarcação de um tempo e espaço que são carregados de historicidade, de representação e retratam as condições de seus personagens com suas dores, lutas, alegrias e beleza.

Contextualizando o drama vivido pelo homem sertanejo e sua linguagem característica, Graciliano consegue aproximar e envolver o leitor do universo e da cultura local, não importando de que lugar este leitor tenha origem. Sobre esta dinâmica, Araújo, J. (2014) denomina esta “cosmovisão graciliana” como uma miscelânea literária que caracteriza seu estilo. Misturando contos, com trechos de ficção, memória e autobiografia.

2.1 Graciliano, um autor ressonante

Objeto de incontáveis estudos seja no ambiente acadêmico ou literário, Graciliano Ramos nunca deixou de exercer um grande fascínio sobre pesquisadores de todas as gerações. Numa tentativa de compreender sua escrita ou revelar aspectos de sua personalidade ainda não dissecados, muitos já se lançaram em análises, que com passar dos anos, tem ajudado a ampliar os conhecimentos em torno de sua trajetória.

A herança artística desse ilustre alagoano atravessou o terceiro milênio alcançando a cifra dos cinco milhões de exemplares de livros publicados em mais de 30 países, traduzidos em aproximadamente a mesma quantidade de idiomas. Diversos de seus textos foram adaptados para os palcos de teatro, para o cinema e a televisão, além de terem inspirado canções, poemas e trabalhos em artes visuais. Em todo país, as homenagens se multiplicam. O mestre Graça como assim é referenciado, é nome de escolas, logradouros públicos, agremiações diversas etc. No campo acadêmico a obra graciliana continua sendo globalmente discutida, sob as perspectivas mais variadas. O interesse particular pela obra do autor alagoano justifica-se pelo fato do mesmo ser conhecido e reconhecido como alguém que se preocupou em como melhor representar, literariamente, a realidade social, criando

formas de dizê-la e representá-la de maneira peculiar, despertando interesse de geógrafos, historiadores, cientistas sociais e os mais diversos pesquisadores.

Nascido em 27 de outubro de 1892, na antiga vila de Vitória⁴, hoje Quebrângulo, no agreste de Alagoas, Graciliano foi o primogênito dos 16 filhos que tiveram Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos – a Mariquinha. Da cidade natal, Graciliano guardou lembranças poucas, pois, muito cedo, aos três anos, sua família se mudou para a Fazenda Pintadinho, propriedade que o pai comprara, seguindo o conselho do sogro, no município de Buíque, sertão pernambucano, onde Graciliano viveu até os sete anos de idade.

Sebastião Ramos era negociante de miudezas, filho de um antigo senhor de engenho arruinado pelo processo de substituição dos engenhos pelas usinas, no fim do Segundo Império; e Mariquinha, 24 anos mais moça que o marido, era filha de pecuaristas. A falta de sorriso de Mariquinha foi o traço materno mais característico para Graciliano, conforme este memoraria na maturidade, esboçada em uma de suas crônicas no livro *Linhas Tortas*, do ano de 1992.

Anos mais tarde, estabelecido em Palmeira como comerciante de tecidos, Graciliano concorreu ao cargo de prefeito em 1927, quando escrevia “Caetés”, seu primeiro romance, passado na cidade e com direito a descrições sobre sua rotina e relações sociais. O livro é narrado em primeira pessoa, sob o ponto de vista de Paulo Valério, um homem que se apaixona pela mulher de seu patrão, numa história que levará a tragédias e arrependimentos.

Mas, antes de lançar “Caetés”, Graciliano fez sucesso com outro tipo de publicação. Ele foi prefeito entre 1928 a 1930. No período, escreveu relatórios para o governo de Alagoas, prestando contas de sua gestão e fazendo um balanço sobre o

⁴ Distrito criado com a denominação de Quebrangulo, pela lei provincial nº 301, de 13-06- 1856. Elevado à categoria de vila com denominação de Quebrangulo, pela lei provincial nº 624, de 16-03-1872, desmembrado de Viçosa (ex-Assembléia). Instalado em 05-09-1872. Pelo decreto estadual nº 4, de 20-02-1890, a vila é extinta, sendo seu território anexado ao município de Assembléia. Elevado novamente à categoria de vila com denominação de Vitória, pelo decreto estadual nº 47, de 27-09-1890, desmembrado de Assembléia. Sede no atual distrito de Vitória ex-Quebrangulo. Constituído do distrito sede. Reinstalado em 19-09-1890. Elevado à categoria de cidade com a denominação de Vitória, pela lei estadual nº 593, de 06-06-1910. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município já denominado Vitória é constituído do distrito sede. Pela lei estadual nº 1139, de 20-06-1928, voltou a denominar-se Quebrangulo. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é constituído do distrito de sede. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município aparece constituído de 2 distritos: Quebrangulo e Paulo Jacinto. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 2 distritos: Quebrangulo e Paulo Jacinto. Pela lei nº 1747, de 02-12-1953, desmembra do município de Quebrangulo o distrito de Paulo Jacinto. Elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

que conseguiu realizar em seu mandato. Eram textos que, além de descrever gastos e dificuldades do município, traziam ironias e reflexões acerca do cargo.

No interior nordestino não existe um único morador que consiga ficar alheio ao problema da Seca. Com o livro “Vidas secas”, publicado em 1938, Graciliano ajudou a mostrar essa dura realidade ao resto do país. O tempo de Graciliano na seca não durou muito tempo. Em 1930, ele renunciou ao mandato de prefeito de Palmeira, mudou-se para Maceió e assumiu o cargo de diretor da Imprensa Oficial de Alagoas. Em 1933, foi nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas, órgão que cuidava da educação do estado.

Depois, passou a vida entre Alagoas e Rio de Janeiro, numa bem-sucedida carreira de escritor, publicando obras como livro infanto-juvenil “A terra dos meninos pelados” (1939), até morrer, vítima de um câncer no pulmão, em 20 de março de 1953. Uma de suas obras mais célebres, “Memórias do cárcere”, um relato sobre o período em que ficou preso na Ilha Grande, no Rio, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, seria lançada postumamente ainda naquele ano, poucos meses após sua morte.

Quadro 1 – Resumo das obras de Graciliano Ramos

Obras	Resumo
Caetés (1933)	Primeiro romance de Graciliano Ramos, Caetés foi publicado inicialmente em 1933. João Valério, o personagem principal, introvertido e fantasioso, apaixona-se por Luisa, mulher de Adrião, dono da firma comercial em que trabalha. O caso amoroso é denunciado por uma carta anônima, levando o marido traído ao suicídio. Arrependido, João Valério, afasta-se de Luisa, continuando, porém, como sócio da firma.
S. Bernardo (1934)	A história de Paulo Honório, um homem simples que, movido por uma ambição sem limites, acaba se transformando em um grande fazendeiro do sertão de Alagoas e casa-se com Madalena para conseguir um herdeiro. Incapaz de entender a forma humanitária pela qual a mulher vê o mundo, ele tenta anulá-la com seu autoritarismo. Com este personagem, Graciliano Ramos traça o perfil da vida e do caráter de um homem rude e egoísta, do jogo de poder e do vazio da solidão, em que não há espaço nem para a amizade, nem para o amor.
Angústia (1936)	Ao longo das páginas do livro, o leitor depara-se com o narrador Luís da Silva, funcionário público e jornalista medíocre, que nutre ódio profundo pelo sistema que o inferioriza e oprime, aqui representado por Julião Tavares, moço rico,

	gordo, bem vestido e excessivamente falante, que, com seus agrados hipócritas, afasta Marina do amor do protagonista. A angústia tecida desde as primeiras páginas anuncia a fatalidade inevitável e alimenta o envolvimento do leitor com a narrativa pontuada pelos horrores do ódio do narrador. Romance que teve sua primeira edição no ano em que Graciliano passou preso no Rio de Janeiro.
Vidas Secas (1938)	Lançado em 1938, é o romance em que Graciliano — tão meticuloso que chegava a comparecer à gráfica no momento em que o livro entrava no prelo, para checar se a revisão não haveria interferido em seu texto — alcança o máximo da expressão que vinha buscando em sua prosa. O que impulsiona os personagens é a seca, áspera e cruel, e paradoxalmente a ligação telúrica, afetiva, que expõe naqueles seres em retirada a procura de meios de sobrevivência e um futuro. O livro foi premiado pela Fundação William Faulkner (EUA) em 1962 como representativo da Literatura Brasileira Contemporânea
Infância (1945)	Uma autobiografia que mostra as recordações da descoberta do curioso e diferente mundo dos adultos. Esta nova edição teve como base a primeira, publicada pela José Olympio, com as últimas correções feitas por Graciliano.
Insônia (1947)	Esta obra reúne treze contos em que estão presentes a segura emotiva e a economia vocabular, características estilísticas do autor, que convivem com a precisão psicológica.
Memórias do Cárcere (1953)	Testemunho de Graciliano Ramos sobre a prisão a que foi submetido durante o Estado Novo, é uma narrativa contundente de quem foi torturado, viveu em porões imundos e sofreu privações provocadas por um regime ditatorial.
Viagem (1954)	Viagem reafirma o compromisso de Graciliano com a justiça social, sem negociar sua liberdade literária. Um relato imprescindível de uma época de fortes paixões políticas e ideológicas, feito por um dos maiores escritores da Literatura Brasileira.
Linhas Tortas (1962)	Crônicas

Viventes das Alagoas (1962)	Reunião de textos que misturam crônica, ensaio e ficção. Os textos híbridos que compõem este livro fazem parte das colaborações de Graciliano para a imprensa a partir de 1937. Considerado um subversivo pela ditadura do Estado Novo. O livro traz ainda em suas páginas finais, os Relatórios redigidos por Graciliano quando prefeito de Palmeira dos Índios – AL. A linguagem burocrática e formal, característica desses documentos, é substituída por notas irônicas e sarcásticas, além de rasgos literários que simbolizam o ingresso de Graciliano na literatura.
Garranchos (2012)	São crônicas, epigramas, artigos de crítica literária, discursos políticos, cartas publicadas na imprensa, o primeiro ato de um a peça de teatro, além de um conto juvenil intitulado “O ladrão”, datado de julho de 1915, entre outros textos até agora desconhecidos. Um achado único, que perpassa as inúmeras vertentes de um dos escritores mais importantes de todos os tempos. Reúne textos produzidos em diferentes momentos artísticos, intelectuais e políticos de Graciliano, organizados pelo pesquisador Thiago Mio Salla.
Cangaços (2014)	Reunindo todos os textos de Graciliano Ramos sobre o banditismo sertanejo, escritos entre 1931 e 1941, Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn mostram a influência do cangaço na obra do artista. Além de textos restabelecidos à redação original do autor, são pela primeira vez publicados em livro, dois inéditos: uma entrevista ficcional com Lampião, escrita para a revista Novidade, e a crônica “Dois irmãos”.
Conversas (2014)	<i>Conversas</i> reúne 45 entrevistas, enquetes e depoimentos que Graciliano Ramos concedeu a diferentes veículos jornalísticos ao longo de sua trajetória intelectual, desde 1910 até 1952. A obra inclui ainda 19 causos (pequenas narrativas de caráter anedótico), cuja figura central é o autor de <i>Vidas secas</i> . Rigorosamente anotado e disposto em ordem cronológica, esse conjunto de textos oferece leituras inéditas de sua vida pessoal, artística e política, permitindo divisar outro Graciliano, para além da imagem consolidada de um homem tão só calado e avesso a bate-papos. <i>Conversas</i> revela as facetas bem-humorada, simpática e falante do escritor, que não deixava de se posicionar de modo direto e contundente sobre as principais questões da época em que viveu.
A Terra dos Meninos Pelados (1939)	Livro infanto-juvenil
Histórias de Alexandre (1944)	Ainda que em formato e gênero pouco usuais na obra do autor – o conto, a fábula, para um público

	<p>infanto-juvenil –, Histórias de Alexandre mostra as mesmas preocupações dos outros textos de Graciliano Ramos: a descrença na justiça e na política; a luta entre as estruturas rurais e arcaicas com as forças urbanas modernizadoras; a denúncia da miséria; a aversão ao capitalismo; a irritação com o uso da linguagem empolada. Histórias de Alexandre teve a pouca sorte de ser lançado depois de Vidas Secas e pouco antes de Infância, dois grandes sucessos de Graciliano, ficando então à sua sombra e não recebendo da crítica a atenção que merecia, pois é um grande livro.</p>
Alexandre e Outros Heróis (1962)	<p>Alexandre e Outros Heróis é o nome que foi dado à reunião de três obras: A Terra dos Meninos Pelados, Histórias de Alexandre e Pequena História da República (“...uma espécie de resposta, desabusada e ferina, às muitas outras Histórias“, no dizer de Osman Lins, autor de um posfácio da obra). São histórias folclóricas sobre heróis e grandezas – todas inverossímeis. Nelas, Graciliano une o real ao imaginário, cabendo ao leitor demarcar a fronteira entre os territórios.</p>
O Estribo de Prata (1984)	<p>É uma das Histórias de Alexandre, também publicada em separado na coleção Abre-te Sésamo</p>
Minsk (2013)	<p>Verde-liberdade, amarelo-alegria. Nas cores das penas do pequeno Minsk, a menina Luciana encontrou algo mágico: uma amizade verdadeira. Um parceiro para as brincadeiras no quintal. Um ouvinte para as tristezas de menina-moça. Um amor puro e descompromissado. Até o velho gato se encantou pelo periquito! E dividia de bom grado as sobras de comida. Enamoraram-se de cara e subverteram a ordem das coisas. Aliás, bem ao molde da pequena dona, que insistia em fazer tudo de seu jeito. Até andar de costas, esbarrando em móveis pela casa. Mas há dores mais doídas que uma quina no caminho...</p>
Cartas (1980)	<p>Obra de publicação póstuma, Cartas reúne a correspondência íntima de Graciliano e traz desde cartas à sua primeira mulher, Maria Amélia (em 1910), até uma para os filhos escrita de Moscou (em 1952), passando também pelos bilhetes que, da prisão, usava para se comunicar com Heloísa, sua segunda mulher.</p>
Cartas de Amor a Heloísa (1992)	<p>Edição da correspondência com Heloísa, comemorativa ao centenário de nascimento de Graciliano.</p>
Dois Dedos (1945)	<p>Volume composto pelos contos Dois dedos, O relógio do hospital, Paulo, A prisão de J. Carmo Gomes, Silveira Pereira, Um pobre-diabo,</p>

	Ciúmes, Minsk, Insônia, Um ladrão.
Histórias Incompletas (1946)	Volume composto pelos contos Um ladrão, Luciana, Minsk, Cadeia, Festa, Baleia, Um incêndio, Chico Brabo, Um intervalo, Ventaromba.
Brandão entre o Mar e o Amor (1942)	Escrito em parceria com Jorge Amado, José Lins do Rego, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz. A parte de Graciliano intitula-se Mário.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações do site oficial de Graciliano Ramos.

2.2 Contextualização das obras escolhidas: análise literária e fílmica

Uma obra literária pode revelar universos interpretativos capazes não só de enriquecer a experiência dos conceitos-chave estudados pela Geografia, como servir de convite à imaginação geográfica. Neste contexto acredita-se ser importante trazer a contextualização das obras para que os interessados nesta temática possam ter uma noção geral de como as obras se apresentam, bem como seus personagens.

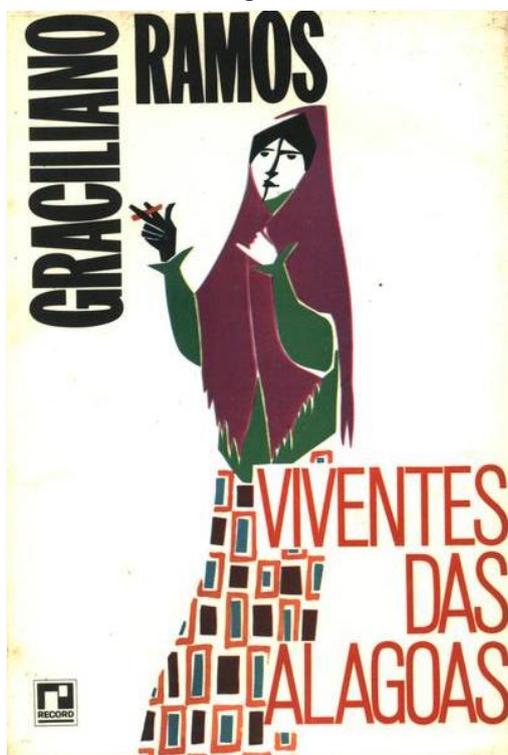
Ao mesmo tempo alguns pontos observados nos filmes de mesmo nome, gravados posteriormente ao lançamento das obras literárias. Primeiramente *Vidas Secas* sob direção de Nelson Pereira dos Santos, passado num dos povoados do município de Minador do Negrão, localizado no agreste alagoano, distante apenas 35 km da cidade natal do autor Graciliano, onde tanto no filme como na obra, a descrição da paisagem permite ao leitor-telespectador imaginar um cenário inóspito que muito se assemelha ao do sertão, mesmo não sendo geograficamente referenciado como tal. *Vidas Secas* conserva a mesma austeridade do romance que lhe deu origem, ao narrar a vida de retirantes da seca em luta pela sobrevivência num meio hostil. A trajetória da família de Fabiano é filmada em preto e branco, destacando-se os amplos espaços por onde circulam essas figuras miseráveis acompanhadas pela cadela Baleia.

E em seguida o filme “São Bernardo” (1972), de Leon Hirszman também com roteiro baseado na obra do autor, uma segunda adaptação de Graciliano para o cinema, é igualmente um filme rigoroso, contido, seco, em que a transformação do personagem Paulo Honório – de guia de cego à latifundiário – associa sutilmente seu enriquecimento material à deformação moral. O ator Othon Bastos domina a tela até a primeira metade do filme, quando surge outra personagem forte, a da mulher com quem se casa (Isabel Ribeiro, numa performance inesquecível).

2.2.1 Viventes das alagoas

O livro *Viventes das Alagoas*, publicado originalmente em (1961) reúne crônicas, ensaios e análises de várias dimensões, composto de textos publicados na *Revista Cultura Política* entre 1941 e 1944 e também os dois relatórios de gestão que Graciliano redigiu quando foi prefeito na cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas, no final dos anos 1920, e que causaram certo interesse em decorrência da forma literária e não habitual em relatórios de gestão. Muito peculiarmente, a obra retrata, de maneira estratificada, a sociedade patriarcal nordestina, identificando hábitos e comportamentos dos sujeitos sertanejos, e das famílias rurais existentes na época. Nesta obra, o cronista volta-se aos costumes de cidades do interior de Alagoas, da família rural à pequenos ambientes da classe burguesa localizada em zonas urbanas locais, de onde extrai e expressa, através da linguagem, tipologias e características muito particulares. Somados a isto, assuntos de maior complexidade também são abordados, como o Cangaço, ao qual se dedica em mais de uma crônica, além de contextos históricos e sociológicos que permeiam todo o conteúdo da obra, onde o autor, por muitas vezes, dá voz aos grupos sociais mais excluídos.

Figura 7: Capa do livro *Viventes das Alagoas*, Record, 14^a ed., 1984



Fonte: Site oficial do escritor.

A originalidade e a densidade dos escritos de Graciliano são reveladas pelo estilo irônico, pela linguagem minuciosa e a linha de análise do autor que recompõe e atualiza identidades e vivências nordestinas/ alagoanas. Ao contrário de outros romancistas da década de 1930, Graciliano Ramos jamais teve qualquer nostalgia do universo em derrocada das velhas oligarquias rurais. Analisou a realidade de onde procedia com aspereza, mesmo sendo descendente, tanto pelo lado materno como pelo paterno, de senhores latifundiários. Isso se deve, provavelmente, a clareza de suas ideias e também às experiências na infância que lhe foram frustrantes dentro da sociedade patriarcalista da época, mas que lhe fizeram aguçar uma sensibilidade incomum para as misérias de um sistema considerado pelo autor como injusto e apodrecido.

Nas construções narrativas elaboradas por Graciliano Ramos percebe-se reflexões analíticas e explicativas imbuídas de posicionamentos políticos e representações sociais características da região. Em trechos de *Viventes das Alagoas*, o autor acaba revelando as relações humanas e demais sociabilidades demarcadas no tempo e no espaço.

Crônica Natal:

A devoção do camponês, intensa, de ordinário não se exprime em reuniões públicas, como nas sociedades urbanas: tem formas familiares, reza benditos e ladainhas diante do oratório doméstico, pede favores a Santo Antônio, que, se se mostra indiferente, é punido – lembrança possível das intimidades que houve entre os homens e os lares. Nas missões, porém, apertam-se enxames em redor dos confessionários, casamentos naturais se legalizam, surgem numerosos batizados. E, ao encerrar-se o ano, a gente das povoações e das fazendas assiste às novenas, que excitam a vista, o ouvido e o olfato, permitem que, durante algumas noites, as exigências sociais do matuto, longos meses recalçadas, se manifestem quase livremente (RAMOS, 1984, p. 13).

Crônica Jacarandá:

Naquela tarde horrível os quarenta graus anunciados pelo serviço meteorológico subiam do asfalto entravam-nos por baixo das calças,

envolviam-nos as pernas como bainhas ardentes. Considerei desalentado os nossos exteriores. Bambeávamos no calor, procurávamos um pedaço de sombra, as camisas molhadas grudavam-se à pele, os medonhos paletós escureciam nos sovacos. E os pés, lentamente arrastados, pesavam demais (RAMOS, 1984 p.22).

Como descrição das tradições locais, os escritos do autor apresentam um Nordeste marcado por rígidas estruturas sociais, pelo clientelismo político e pelo uso e abuso dos grupos armados. Em algumas crônicas percebe-se os hábitos e o cotidiano marcados pela crença e pela força, atrelados, por sua vez, à escassez material, que parece limitar os atos e as ações dos sujeitos-personagens.

Crônica Natal:

No interior tudo é diferente. Nem francês de barbas, nem árvore com frutos enrolados em papel de seda, poucas mesas fartas, ausência de piedade. O Natal, festa profana, alcança duas outras: Ano-bom e Reis. Começa a 23 de dezembro e termina a 6 de janeiro, representa uma solução de continuidade nas aperreações do sertanejo (RAMOS, 1984 p.12).

[...]

Apesar de ser bastante reduzido o vocabulário, tudo se expõe claramente: a palavra enérgica da literatura realista é largada no momento justo, produz efeito com o auxílio de gestos expressivos e carícias rudes (RAMOS, 1984 p.14).

Em passagens da obra, como por exemplo, na crônica “Casamentos” percebe-se que o ritmo das relações por muitas vezes está pautada na escassez material o que as torna frágeis e fugazes. Fica evidente no trecho a seguir que a miséria vivida pelos sujeitos-personagens impõe uma adaptação forçada dos sentimentos às condições de vida e que por muitas vezes conduzem ou condicionam as relações interpessoais, deixando em segundo plano sentimentos como o amor.

Crônica Casamentos:

Se a seca chegar, se elementos perturbadores intervierem na vida meio conjugal, o sertanejo, neto de ciganos e neto de selvagens, abandona o rancho, a mulher, os cacarecos, vai enrascar-se noutra aventura em lugar distante. Mas em alguns anos de safra, com o paiol cheio, a vazante próspera, conta na loja, a família consolida-se, precisa confessar-se, batizar os filhos como legítimos (RAMOS, 1984, p. 39).

Nos textos de Graciliano, de maneira geral, existe uma frequente referência às pequenas cidades do interior do Nordeste, passando ora pelo estado de Alagoas, ora por Pernambuco. Essas referências são marcadas fortemente por uma paisagem rural onde os hábitos culturais e as relações sociais “cristalizam” costumes particulares dessa região.

Nos trechos da crônica Teatro II é possível identificar a partir da descrição do autor uma cidade ainda pouco desenvolvida, provavelmente nos anos 1930 num período onde o Brasil passou por mudanças radicais num contexto social, político e econômico.

Numa perspectiva urbanística, é notável que a presença tardia de prédios altos, a ausência de carros e a presença de meios de transporte movimentados por animais (as carroças) revelam elementos de uma cotidianidade urbana da época.

Crônica Teatro II:

Na cidadezinha do interior, ingênua e presunçosa, há uma sociedade beneficente, um grêmio literário e uma banda de música. A sociedade beneficente distribui esmolas com moderação e enterra os mortos; o grêmio literário funciona, emperra, fica às vezes um ano inteiro sem dar sinal de vida, torna a animar-se na posse da diretoria, encrenca de novo; a filarmônica ensaia dobrados à noite e é indispensável nas festas grandes e nas recepções dos políticos notáveis da capital (RAMOS, 1984 p.56).

Na pequena capital, de gostos simples e desejos modestos, havia poucas escadas e ignoravam-se completamente os elevadores. Três andares representavam quase montanha entre as casas açaçapadas.

Ninguém pensava em andar nos ares, naturalmente. [...] Desconhecia-se gasolina: os automóveis ainda não tinham aparecido. A cidade se desenvolvia em sentido horizontal, mas desenvolvia-se moderadamente, sem pressa. Um bondinho puxado por burros atravessava de longe em longe a Rua do Comércio, quase vazio (RAMOS, 1984 p.52).

Nesta passagem é importante a retomada da análise do conceito de lugar que está atrelado ao conceito de cotidianidade. Sob a perspectiva de Carlos (2007, p.41) contribui com esta discussão ao afirmar que “as relações sociais realizam-se concretamente através de uma articulação espaço-tempo, o que ilumina o plano do vivido, ou seja, a vida cotidiana e o lugar”.

Ainda segundo a autora, será o cotidiano o responsável pela permissão do entendimento do processo de constituição da vida na trama dos lugares e no uso e apropriação do espaço.

Por fim, neste contexto a obra *Viventes das Alagoas* marca um período onde escritores oriundos do interior do país como Graciliano, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz inauguram e fortalecem um imaginário regional que subverte a “cena literária urbana” do Modernismo urbano e etnocêntrico dos anos 1920.

2.2.2 São Bernardo

São Bernardo é narrado em primeira pessoa e compõe, em tom confessional, o relato de vida de Paulo Honório, um fazendeiro embrutecido, amargo e solitário que, aos 50 anos de idade e diante de uma vida estagnada, decide escrever sua autobiografia. Nela, o narrador-personagem relata acontecimentos de sua vida que considera de maior relevância, como a compra de São Bernardo, no interior de Alagoas, fazenda em que era empregado quando jovem. Além disso, sobressai o seu casamento com Madalena, professora de escola pública e que vivia com sua tia, Dona Glória, na cidade de Alagoas, em uma situação econômica deplorável e que após o casamento a moça e sua tia mudam-se para a fazenda. Após um tempo o rico fazendeiro vai percebendo que a rotina na São Bernardo começa a se alterar. Madalena se interessa pela vida dos empregados e dá opiniões sobre as condições precárias da escola que existia na fazenda, exigindo a compra

de materiais escolares. Além disso, ela passa a dividir as tarefas de escrituração com Ribeiro, responsável pela contabilidade da propriedade.

Sofri sede e fome, dormi na areia dos rios secos, briguei com gente que fala aos berros e efetuei transações comerciais de armas engatilhadas (RAMOS, 1988, p. 14).

Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planeei adquirir a propriedade São Bernardo, onde trabalhei, no eito, com salário de cinco tostões (RAMOS, 1988, p.15).

Madalena entra num processo depressivo e acaba se suicidando. Após sua morte, sua tia D. Glória e Seu. Ribeiro deixam a fazenda. Outros personagens juntam-se aos revolucionários para lutar na Revolução de 30 e também deixam São Bernardo. Os limites da fazenda passam a ser contestados judicialmente e protagonista da trama passa por um declínio financeiro, considerando-se no final das contas como abandonado por todos.

Por fim, em meio a solidão e somente com a companhia de do amigo chamado Casimiro Lopes e seu cachorro, Paulo Honório escreve sua narrativa. Amargurado pelo passado, toma consciência da desumanização por que passou enfrentando a dureza do sertão. Incapaz de mudar, Paulo Honório busca algum sentido para a sua vida refletindo sobre o passado e escrevendo sua história sentado à mesa da sala, fumando cachimbo e bebendo café.

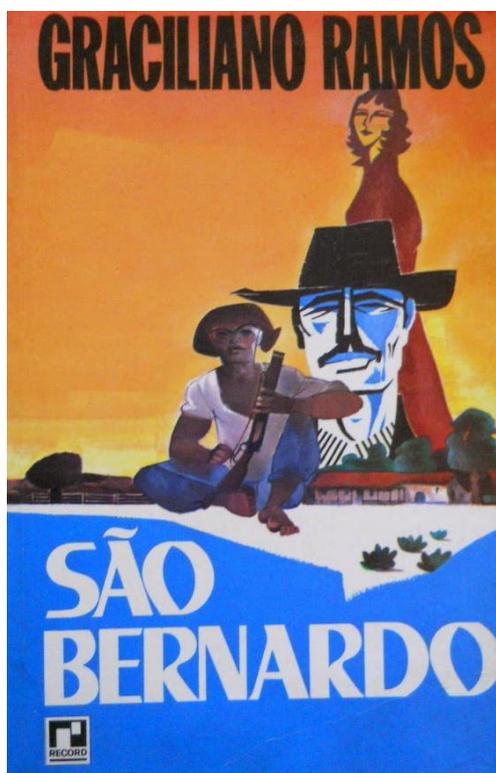
Próximo a Viçosa foram gravadas cenas do filme que recebeu o mesmo nome no ano de 1972 com direção de Leon Hirszman e roteiro baseado no livro. A paisagem escolhida para ambientar a trama foi uma das mais agradáveis pelas quais Graciliano passou, uma cidade na Zona da Mata alagoana que, por suas belezas naturais, ganhou o apelido de Princesa das Matas. Trechos do livro São Bernardo revelam um pouco desta paisagem:

Estávamos em fim de janeiro. Os paus-d'arco⁵ floridos, salpicavam a mata de pontos amarelos; de manhã a serra cachimbava; o riacho, depois das ultimas trovoadas, cantava grosso, bancando rio, e a

⁵ Design comum a várias árvores e arbustos da fam. das bignoniáceas, esp. do gên. *Tabebuia*, muito cultivados como ornamentais e pelas madeiras de qualidade.

cascata em que despenha, antes de entrar no açude, enfeitava-se de espuma (RAMOS, 1988, p. 94).

Figura 8: Capa do livro São Bernardo, Record, 47ª ed, 1988.



Fonte: Site oficial do escritor

O escritor Graciliano Ramos está inserido na segunda fase do Modernismo brasileiro – geração de 1930. Portanto, São Bernardo é um romance pós-moderno desta geração que se destacou pelo regionalismo nordestino. Assim como São Bernardo, obras como Vidas Secas e Viventes das Alagoas, Linhas Tortas, Angústia e Infância, todos de mesma autoria, tinham a intenção de denunciar os problemas enfrentados pelo homem do Nordeste, dentre eles os de causa social, assim como a miséria, a exploração da força de trabalho do sertanejo, o coronelismo e o clientelismo político.

Os enredos de Graciliano sempre destacaram-se pela junção entre os personagens, paisagem e realidade socioeconômica, com forte viés crítico. Outra característica marcante é o grau de descrição das paisagens ao longo das narrativas, fator que contribui para à localização do leitor, à ambientação e à imaginação das cenas.

Amarrei-o, meti-me com ele na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos de mandacarus⁶, quipás⁷, alastrados⁸ e rabos-de-raposa (RAMOS, 1988, p.14).

Há um grande silêncio. Estamos em julho. O Nordeste não sopra e os sapos dormem. Quanto as corujas, Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas a pau (RAMOS, 1988, p.104).

Trechos da obra comprovam o caráter regional fortemente demarcado pelos hábitos e costumes daquele lugar. As formas de expressão observadas nas falas dos personagens são significativas para exemplificar expressões regionais que deixam a narrativa mais verossímil no contexto em que está inserida. Assim como a língua, os usos e costumes relacionados às vestimentas, celebrações e a hábitos de dormir em rede, por exemplo, contribuem e fomentam o imaginário do leitor.

Penso que chamei Casimiro Lopes. A cabeça dele, com chapéu de couro de sertanejo, assoma de quando em quando à janela [...] (RAMOS, 1988, p.103).

Com relação às celebrações com certeza as mais citadas ao longo da narrativa são as de São João⁹, onde fogueiras e danças ganham destaque. Além dos festejos existe na obra uma multiplicidade de acontecimentos e ações dos personagens, uma variedades de dinâmicas e relações visíveis e invisíveis que credibilizam a escrita do autor ao mesmo tempo em que aguça o imaginário de quem os lê.

⁶ O mandacaru (*Cereus jamacaru*), também conhecido como cardeiro e jamacaru, é uma planta da família das cactáceas. É comum no nordeste brasileiro, atingindo mais de 5 metros de altura.

⁷ Quipá ou palmatória é o nome popular de uma planta da família das Cactáceas, comum na caatinga nordestina. É uma planta xerófita usada como forrageira para o gado. Produz uma flor vistosa, de cor alaranjada ou vermelha e um fruto adocicado, em forma de bagas ovóides, com pequenas sementes pretas. Seu caule, típico das plantas cactáceas, possui muitos espinhos.

⁸ É um cacto da família Cactáceas, das espécies *Cephalocereus gounellei* (Weber) Britt. & Rose (*Cereus gounellei* K. Schum.; *Cereus setosus* Guerke; *Pilocereus gounellei* Weber; *Pilocereus setosus* Guerke). Notas 1 e 2: Planta com incidência na caatinga do nordeste brasileiro, é característica da flora xerófita deste bioma. Possui tronco ereto até 3m de altura com ramos curvados paralelamente para o solo; ramifica-se formando moitas intransponíveis; auréolas cinzentas armadas de espinhos robustos. As flores são grandes, brancas, de hábito noturno e tubulosas.

⁹ Uma das mais ricas manifestações culturais brasileiras, as festas juninas marcam o período de junho e adentram julho, envolvendo quadrilhas, culinária típica, simpatias, entre outras tradições.

Nas noites de São João uma fogueira enorme iluminava a casa de Seu Ribeiro. Havia fogueiras diante das outras casas, mas a fogueira do major tinha muitas carradas¹⁰ de lenha. As moças e os rapazes andavam em redor dela, de braços dados. Assava-se milho verde nas brasas e davam-se tiros medonhos de bacamarte¹¹. O major possuía um bacamarte, mas o bacamarte só se desenferujava pelos festejos de São João (RAMOS, 1998 p. 36-37).

Há passagens da obra do Graciliano Ramos nas quais se observa a religiosidade representada na figura da personagem Mãe Margarida, ficando evidente a ligação com religiões de matriz africana, como o candomblé, muito comum àquela região.

Continuou a riscar figuras no chão curvada, um rosário de contas brancas e azuis aparecia pelo cabeção aberto e batia-lhes nas pelancas dos peitos (RAMOS, 1988, p.58).

Se houvesse continuado a arear o tacho de cobre da velha Margarida, eu e ela teríamos uma existência quieta. Falaríamos pouco, pensaríamos pouco, e a noite, na esteira depois do café com rapadura, rezaríamos rezas africanas, na graça de Deus (RAMOS, 1988, p.183).

A maneira de se vestir, o comportamento e os valores pessoais podem ser analisados no trecho que se segue, evidenciando um tempo que se difere da modernidade tardia da região onde a trama se “desenrola”. Não existem preocupações excessivas relacionadas ao acúmulo do capital, apenas o desejo de sobrevivência, sem muitas perspectivas para o futuro.

E, em manhãs de inverno, tangendo os cargueiros¹², dando estalos com o buranhém¹³, de alpercatas¹⁴, chapéu de Ouricuri¹⁵, alguns

¹⁰ No dicionário nordestino refere-se a “grande quantidade”.

¹¹ Um bacamarte é uma arma de fogo de cano curto e largo, parecendo uma garrucha alongada, alargada na boca e reforçada na coronha. Embora os seus exemplares mais modernos sejam de cano longo

¹² Que, ou o que transporta cargas (falando-se especialmente de navios e trens).

¹³ Árvore de até 25 m (*Pradosia lactescens*), da fam. das sapotáceas, nativa do Brasil (AL a MG e SP), com casca de que se extrai tintura e substância com diversos usos medicinais, madeira amarelada, escura, compacta e elástica, flores em fascículos e bagas comestíveis; maminha-de-porca.

¹⁴ Sandália que se prende ao pé por tiras de couro ou de pano

¹⁵ Palmeira de até 10 m (*Syagrus coronata*), nativa do Brasil (PI, PE a MG), de estipe com cicatrizes dos pecíolos em espiral e de cuja medula se produz farinha, folhas penatífidas, que servem como cobertura e para extração de fibras usada em chapéus, e frutos globosos, de tom ocre-escuro, comestíveis, us. como ração, para extrair cera e o óleo da semente, que cura feridas produzidas por araias.

níqueis na capanga¹⁶, beberia um gole de cachaça para espantar o frio e cantaria por estes caminhos, alegre como um desgraçado. (RAMOS, 1988, p.183).

[...]

Tinha uma casa grande, sempre cheia, o jerimum¹⁷ caboclo apodrecia na roça – e por aquelas beiradas ninguém tinha fome. Imagino-me vivendo no tempo da monarquia, à sombra de Seu Ribeiro. Não sei ler, não conheço iluminação elétrica nem telefone. (RAMOS, 1988, p. 184).

2.2.3 Vidas secas

Inspirada em muitas das histórias que Graciliano acompanhou desde a infância, a trama de “Vidas secas” mostra como uma família de retirantes — guiada pelo pai Fabiano e acompanhada pela cachorra Baleia, dois dos personagens mais famosos da literatura nacional — parte em busca de uma condição mais humana para a sobrevivência. Não há um trajeto definido no livro, mas as paisagens descritas pelo autor ainda estão presentes em vários cantos do interior do Nordeste, não somente em seu estado natal.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala (RAMOS, 1998, p.3).

Como exemplo, neste trecho a palavra “sombra” tem um sentido metafórico. Podendo os leitores da obra associarem esta à um porto seguro, local para se abrigarem do sol. A ausência da sombra cria no imaginário de quem lê uma sensação de desconforto e sofrimento no caminho percorrido pelos retirantes.

A obra inicia-se com os personagens Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos, a cachorra Baleia e o papagaio, fugindo da seca e miséria do sertão a procura de um lugar menos pobre e castigado pelo clima. A família após um longo caminho percorrido encontra uma fazenda, onde acabam permanecendo.

[...] estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do

16 Bolsa pequena, de tecido, couro ou plástico, us. a tiracolo por viajantes, esp. comerciantes de pedras preciosas; bocó, mocó.

17 Significa verdura, abóbora (sergipana) mais amarela e a carioca mais vermelha, origem nordeste.

vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido.

[...]

Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira¹⁸, arrumou tudo na fogueira (RAMOS, 1998, p.5).

O autor procurou dar aos capítulos o nome de cada um dos personagens, caracterizando-os ao mesmo tempo em que expunha as angústias, esperanças e frustrações de cada um dos membros da família de retirantes.

Neste cenário marcado pela seca os capítulos se desenvolvem num tempo cronológico não definido, o que torna a narrativa atemporal, onde datas e locais não são mencionados. Porém é inevitável não perceber que a narrativa está tangenciada pelas mazelas da seca em dois períodos distintos, revelados em no primeiro capítulo do livro e posteriormente no último capítulo, intitulados respectivamente “Mudança” e “Fuga”. Entre estes dois períodos de seca, Graciliano preocupou-se em demonstrar fielmente as características climáticas do sertão, marcadas pela presença rápida de chuvas torrenciais, com violentas cheias em alguns casos, mas que fazem renascer o verde da região semiárida. Este fenômeno está muito bem representado no início do capítulo nomeado “Inverno”:

De repente um traço ligeiro rasgava o céu para os lados da cabeceira do rio, outros surgiram mais claros, o trovão roncara perto, na escuridão da meia-noite rolaram nuvens cor de sangue. A ventania arrancara sucupiras e imburanas, houvera relâmpagos em demasia – e Sinhá Vitória se escondera na camarinha com os filhos, tapando as orelhas, enrolando-se nas cobertas. Mas aquela brutalidade findara de chofre, a chuva caíra, a cabeça da cheia aparecera arrastando troncos e animais mortos (RAMOS, 1998, p.35).

Outros capítulos evidenciam a rudeza da personalidade do personagem Fabiano, o mesmo é preso injustamente por causar uma confusão com as autoridades da cidade, bebe até desmaiar na festa de Natal e fica jogado na calçada, mostrando o flagelo humano em que se transforma ao longo da trama. Concomitantemente Fabiano aparece como o norteador da família, tomando decisões cruciais para a subsistência de Sinhá Vitória, dos filhos e da cachorra Baleia como demonstra a passagem abaixo:

¹⁸ Planta terrestre ou epífita (*Bromelia laciniosa*), da fam. das bromeliáceas, nativa do Brasil, encontrada nas caatingas do Nordeste, de folhas verdes com linhas róseas, armadas de espinhos curvos, us. para extração de fibras ou como ração

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido (RAMOS, 1998, p. 65).

A seca, período árido e improdutivo, volta então a castigar essa região, obrigando novamente a família sertaneja a abandonar a fazenda, reiniciando uma nova jornada à procura de melhores condições de vida. O último capítulo, intitulado “Fuga”, revela uma retirada tipicamente nordestina: com trouxas na cabeça, facões e cuias a tiracolo. Este cenário torna-se destarte a materialização da triste sina do retirante.

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos – os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupa, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás, de facão de rasto e faca de ponta, a cuiá pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió¹⁹ a tiracolo, a espingarda de pederneira²⁰ num ombro, o saco da malotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse fizeram alto (RAMOS, 1998, p. 65).

O espaço verdadeiro é o físico e o social e ambos impossibilitam a sobrevivência e a permanência na terra. O primeiro é marcado por uma paisagem natural e agressiva: um solo inabitável, clima semiárido e rios inconstantes, já o segundo, por aqueles que detêm o poder: o Soldado Amarelo, o Dono da fazenda, símbolo do despotismo capitalista, e o Fiscal da Prefeitura, símbolo da intolerância governamental.

No romance, “Vidas Secas”, estão em evidência dois mundos: o de Fabiano e sua família e o da sociedade em que fazem parte o patrão, seu Tomás da bolandeira e o soldado amarelo. Todos vivem no sertão e são atingidos pela seca. No entanto, as dificuldades são maiores para Fabiano. O patrão, por exemplo, possui terra, dinheiro, explora os empregados e como opressor não tem

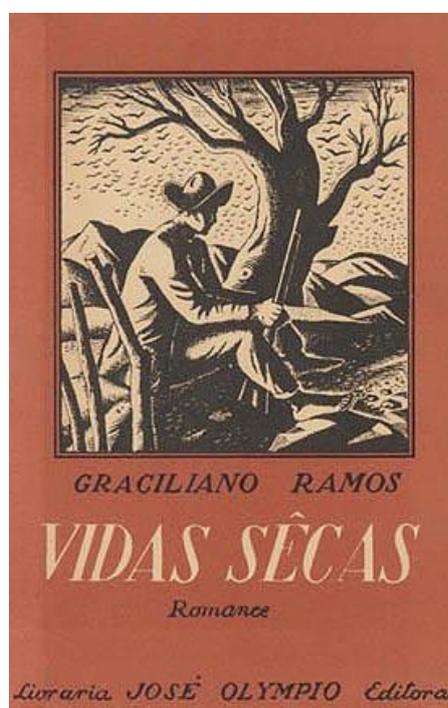
¹⁹ Bolsa de caça trançada com fibras de caroá típica do nordeste onde se guarda tudo. Bolsão.

²⁰ Uma espingarda é uma arma de fogo portátil de cano longo e liso, que utiliza como munição cartuchos de projéteis múltiplos ou de um único projétil concebido para se estabilizar no voo, compensando a ausência de raiamento do cano.

necessidade de fugir da seca como os demais. Seu Tomás também se distancia de Fabiano, visto que esse não consegue se expressar, diferente de seu Tomás que é instruído e que sabe usar muito bem a linguagem. “Ora, o drama de ‘Vidas Secas’ é justamente esse entrosamento da dor humana na tortura da paisagem. Fabiano ainda não atingiu o estágio de civilização em que o homem se liberta mais ou menos dos elementos” (CANDIDO, 1992, p. 47, grifo do autor). A submissão ao meio não coloca alternativas para Fabiano e sua família e não lhe dá forças para fazer diferente. O meio subjuga de tal modo que o impede de se tornar humano. No entanto, no segundo fragmento em que descreve a marcha da família há um relato em que Fabiano sonha com uma terra que os acolhe.

Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinhá Vitória, as palavras que Sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias (RAMOS, 1998, p.71).

Figura 9: Vidas Secas, 1938.



Fonte: Site oficial do autor.

Nessa passagem, fica clara a presença, e a importância do imaginário, pois ao mesmo tempo que lhe permite sonhar, também lhe dá forças para resistir e prosseguir. Assim, é o imaginário, um impulso que faz o indivíduo seguir em frente. Há um distanciamento entre esses dois mundos, o que nos leva a perceber que embora a obra de Graciliano Ramos tenha sido escrita na década de 1930, ela continua abordando problemas atuais como as diferenças sociais que atingem a uma parcela da sociedade.

Nesta obra, a paisagem se revela na seca e o homem na situação de Fabiano e sua família, retirantes em busca de sobrevivência, em um ambiente em que, além do clima semiárido, as relações sociais também apresentam uma rigidez.

O fator geográfico não é o único motivo do sofrimento de Fabiano, pois ao lado dele está a desigualdade social, a opressão, a injustiça e o esquecimento por parte do Estado.

2.3 Alagoas, trajetos sertanejos

A obra de Graciliano Ramos não permite a posição de espectador diante dos temas apresentados, pois remete à reflexão sobre o real. Desta forma, a arte é vista como uma “arma de expressão”. Sob este aspecto, as obras literárias convidam a um exercício de liberdade de interpretação e, numa linguagem dinâmica, propiciam um melhor entendimento de que não existe um único significado para as coisas.

É no intuito de se comunicar com os outros que o ser humano cria e utiliza diversas formas de linguagem. E somente através delas que o homem pode se comunicar acessando informações e ter possibilidade de defender e expressar seu ponto de vista, construir e partilhar visões de mundo e produzir conhecimento. Em concordância, autoras como (FERREIRA; DIAS, 2005 p.1) afirmam que para que a “comunicação se estabeleça é necessário que os interlocutores atribuam sentido ao texto, seja ele falado ou escrito, para que o mesmo seja compreendido”.

Do segundo andar, na área reservada ao café da manhã do Verde Hotel – um dos dois únicos hotéis em funcionamento na cidade de Palmeira dos Índios – é possível se ter uma visão panorâmica da cidade. O que se vê do alto é uma típica cidade pequena do interior nordestino, onde o cotidiano urbano está constantemente em contato com a vida rural. Especialmente numa manhã de sábado, dia de feira, o

clima pacato do dia anterior observado, dá lugar a um burburinho e fervor nas ruas adjacentes ao Centro.

Sobre o movimento da feira, cremos ser interessante trazer uma das referências mais antigas sobre feiras ou mercados. Esta se encontra em Mumford (1998, p. 85), quando este constata que antes de Cristo elas já existiam. Assim, “[...] as duas formas clássicas de mercado, a praça aberta ou o bazar coberto, e a rua de barracas ou de lojas, possivelmente já tinham encontrado sua configuração urbana por volta de 2000 a.C., a mais tarde”. Afirma ainda que elas foram “[...] precedidas pela forma ainda mais antiga do supermercado – dentro do recinto do templo”, pois, nesse período, os templos serviam não somente de locais do deus e dos sacerdotes, mas também onde os bens agrícolas e industriais sofriam a tributação antes de circularem, o que ocorre de maneira distinta no início da era cristã da sociedade humana, onde o templo chegou a servir também de mercado, conforme percebe-se na Bíblia Sagrada.

Este formato de feiras livres ainda é predominante em Palmeira dos Índios, assim como também em diversas cidades do nordeste do país. Especificamente em Palmeira, as barracas ainda não estão alocadas em grandes galpões, distribuindo-se ao longo das ruas estreitas da parte central da cidade.

As barracas montadas por comerciantes e agricultores de povoados vizinhos evocam a figura do vaqueiro, expondo para venda os itens que compõem o gibão, espécie de vestimenta do “cavaleiro sertanejo”. Diante da imagem, é impossível não pensar no romance *Vidas Secas* e em Fabiano, principalmente com a grande estiagem que acomete a região, apontada pelos próprios moradores como uma das piores em muitas décadas.

Ao cair da noite, o cenário é mais propício a outros personagens. Sai a família de Fabiano para dar lugar ao Homem da Farmácia, a Casimiro Honório e Dona Maria Amália, todos sujeitos materializados nas crônicas da obra *Viventes das Alagoas*.

Figura 10: Vista do Verde Hotel, segundo e único hotel construído na cidade de Palmeira dos Índios, AL.



Fonte: Acervo da autora

Figura 11: Chegada ao Morro do Goiti, Palmeira dos Índios, AL.



Fonte: Acervo da autora.

Instalado na entrada da cidade existe um busto um tanto quanto desproporcional que alguns adolescentes moradores da cidade dizem não se parecer em nada com o escritor devido à boca pequena —, a principal homenagem a ele em Palmeira dos Índios é a Casa Museu Graciliano Ramos, fundada em 1973. Como o nome sugere, o local nada mais é que a casa em que o autor morou, hoje adaptada para um museu. Ela abre diariamente, mas recebe apenas cerca de 30 visitantes por semana.

Para se compreender a baixa frequência, basta visitar a Casa e observar alguns detalhes. O imóvel é grande e bem localizado, manteve intocada sua arquitetura antiga, com paredes grossas, salas espaçosas e cumeeiras altas. O grande problema ali, sob ponto de vista muito particular, é a organização do espaço. A maioria dos objetos não tem identificação clara. Numa sala, há uma rede, gravuras, utensílios de cozinha, algumas sandálias, um colete de couro velho e uma espingarda. Essa forma improvisada de arrumação carece de um funcionário para explicar o uso e o tempo de cada objeto exposto. Afinal qual a relação entre eles? Esta pergunta só é esclarecida, se houver iniciativa do visitante em perguntar.

Ainda assim, uma simples pergunta feita aos funcionários que ficam no museu pela manhã — todos muitos simpáticos e atenciosos — fica sem resposta. Ninguém sabia, por exemplo, dizer em que cômodo Graciliano Ramos dormia, ou em que cidade foram gravadas as cenas do filme *Vidas Secas* – já que muitos figurinos estavam expostos no ali.

“O Graciliano nunca vai deixar de ser uma referência alagoana, mas, no dia a dia, nossa visitação é mais de gente de fora. Acho que o nome dele passou a ser tão habitual para os moradores de Palmeira que se tornou menos atraente” — explica a funcionária presente no dia na Casa Museu. — Ela relembra uma proposta feita em 2012, para celebração dos 120 anos de nascimento do Graciliano, onde haveria uma programação com exibição de filmes, apresentação de peças e outras atividades para mobilizar a cidade, mas que o orçamento ficou muito caro e não tiveram como executá-lo e a data passou em branco.

Enquanto a prefeitura não se mexe para oficialmente aumentar a projeção do nome de Graciliano em Palmeira dos Índios, cabe a fãs e parentes tentar manter sua memória viva. Há algumas dezenas de sobrinhos e primos do autor vivendo hoje

na cidade. Nenhum deles o conheceu pessoalmente, mas a maioria se diz orgulhosa da genealogia famosa.

Figura 12: Rua lateral ao Verde Hotel, onde é possível acompanhar o movimento da feira livre do município de Palmeira dos Índios, AL.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 13: Porteira da fazenda onde foram gravadas cenas do filme Vidas Secas. Município Minador do Negrão, AL.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 14: Município Minador do Negrão, AL.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 15: Município Minador do Negrão, AL.



Fonte: Acervo da autora.

2.4 O sertão instituído e os sertões do imaginário

A busca precisa do significado de sertão ainda é inquietante para muitos autores. Há definições clássicas encontradas em dicionários e manuais que remetem à noção de deserto ou lugar distante etc. A partir desta inquietação muitos pesquisadores dedicam-se até hoje a explicar a origem do termo sertão, o que revelando uma pluralidade instigante, ao invés de unidade. Assim múltiplos sertões com suas múltiplas culturas que lhe dão identidade e sentido, se revelam. Albuquerque Júnior (2014, p. 42) reifica esta diversidade ao afirmar que “que de antemão que o sertão já não se diz no singular, que este recorte espacial, que essa identidade regional guarda em seu interior a diferença, a diversidade, a multiplicidade de realidades e, talvez, de representações”.

A palavra sertão se tornou um termo recorrente e até mesmo banalizado no imaginário da sociedade brasileira. Este assume uma gama de significações e espacialidades que divergem de conceitos homogêneos e delimitações de espaço “engessadas”. São diversos os sertões construídos, desconstruídos ao longo do tempo, de norte à sul do país, sendo revelados através dos mais diversos tipos de representação: sejam eles discursos da históricos, da iconográficos, literários, artístico ou verbais.

O “sertão” ocupa um lugar extremamente importante na literatura nacional, representando tema central na literatura popular, especialmente na oral e na cordelista, além de outras correntes literárias. Este sertão frequenta com assiduidade a literatura brasileira desde a poesia romântica do século 19, passando pela prosa romântica, muito bem representada nos escritos de José de Alencar, atingindo grande importância também na literatura realista.

Grande parte da chamada literatura regionalista tem o sertão como lócus, ou se refere diretamente a ele. Nesta inclui-se o autor Graciliano Ramos. Por sua vez, esta literatura também é o principal responsável pela construção dos conturbados sertões nordestinos, de forte conotação social e muitas vezes estereotipado. Amado (1995, p.146) acrescenta que a “literatura brasileira povoou os variados sertões que construiu com personagens colossais, poderosos símbolos, narrativas míticas, marcando com eles forte, funda e definitivamente o imaginário brasileiro”.

Costuma-se associar o sertão, mais comumente, apenas aos espaços áridos e pobres, sobretudo, do Nordeste, já que o IBGE subdividiu essa “região” em quatro áreas, assim designando a área pobre e árida situada ao extremo oeste, respectivamente, das áreas “agreste”, “zona da mata” e “litoral”. A literatura modernista de 1930 talvez tenha contribuído para difundir a ideia de sertão apenas como espaço árido, deserto, já que essa literatura se ocupou, sobretudo, dos sertões nordestinos. Assim, as noções de aridez, esterilidade, deserto, ausentes na origem da palavra sertão, foram sendo, gradualmente, incorporadas, somadas às noções de “interior”, “distante da costa”, sempre presentes nas representações do sertão.

Pode-se correlacionar a presente pesquisa com a desenvolvida por Melo (2006). Ambas procuram abordar às diferentes representações do sertão e o caráter “polissêmico” que o termo adquiriu, nos diferentes contextos em que aparece tematizado, apresenta uma reflexão sobre “o sertão como lugar, no contato com as representações contidas no romance Grande Sertão Veredas, ensaiando uma abordagem transdisciplinar buscando contribuir para o fortalecimento dos estudos e dos saberes socioespaciais” (MELO, 2006, p. 7).

Pensar na palavra sertão evoca imagens, pensamentos, sensações e sentimentos que foram construídos ao longo da nossa própria experiência como indivíduos inseridos no espaço, assim como a partir da experiência histórica nacional. Para maior compreensão e contextualização, recorre-se à história, onde a palavra sertão teve seus primeiros registros entre os séculos 12 e 14, referindo-se às terras localizadas além mar (BARBOSA, 2000, p.35).

Assim, ao sentido de sertão foram agregados novos conceitos, referenciando-o “a espaços vazios, inacessíveis, desconhecidos ou pouco habitados” (BARBOSA, 2000, p.35). Ainda segundo a historiadora, o significado da palavra sertão é marcado por uma dimensão política. Para ela:

Pode-se perceber, assim, que desde a sua concepção mais antiga, sertão é uma palavra que carrega um profundo sentido político, pois, apesar de toda a diversidade de referenciais em que se apoia, tem seu significado sempre referido a uma centralidade, que pode parecer geográfica e espacial, mas na verdade é política. Estar ‘distante de Lisboa’ implica estar longe do espaço do poder (institucional, é claro), supondo um espaço de ‘não poder’ ou de poder subordinado e periférico (BARBOSA, 2000, p. 35).

Correlacionando este pensamento a nossa realidade brasileira é válido se pensar no sentido da palavra sertão no período colonial, onde todos os lugares afastados do litoral eram constituintes do sertão, ou seja, o lugar distante.

O sertão visto a partir da tradição colonial é o lugar do Outro, compreendido como aquele que não é participante da racionalidade da colonização. Este ou estes outros correspondem ao índio, ao aventureiro, aos quilombolas, ao branco e ao mestiço, que se dedicam à agricultura de subsistência, ou seja, às personagens secundárias da atividade colonial. Pode-se inferir que o sertão é o espaço daqueles indivíduos de aspecto exótico ao olhar do sujeito que se encontra no espaço de poder e, por este motivo, será explorado como tema no Romantismo. Se, inicialmente, o sertão é definido pela sua distância a Lisboa, no Brasil, ele será definido no afastamento do litoral. Produz-se aí uma oposição entre o litoral e o sertão. O litoral [...] é o lugar da colonização e do colonizador, o lugar do poder, onde se instalam aqueles que se aproximam das terras (inclusive as do sertão) por doação do rei de Portugal. O sertão é o lugar das gerais, da 'terra de ninguém'; é o inculto por não ser cultivado, mas também por ser o lugar dos animais, dos homens de segunda classe, de índios bárbaros e selvagens e de negros rebeldes, enfim, dos 'sem poder'. É também o lugar do desconhecido, da permanência, do exótico, do mágico, das 'drogas e minas' O sertão é o espaço da exclusão (BARBOSA, 2000, p. 36).

Amado (1995) contribui com esta discussão acrescentando:

Em Santa Catarina, ainda hoje se emprega a expressão "sertão" para referir-se ao extremo oeste do estado. Em partes do Paraná, a mesma expressão identifica uma área do interior de outro estado, — São Paulo, próximo a Sorocaba (provavelmente, uma reminiscência dos antigos caminhos das tropas). No Amazonas, "sertão de dentro" refere-se à fronteira do estado com a Venezuela, enquanto, no interior do Rio Grande do Sul, "sertão de fora" também nomeia área de fronteira, porém situada... no Uruguai! "Sertão" é também uma referência institucionalizada sobre o espaço no Brasil: segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), designa oficialmente uma das subáreas nordestinas, árida e pobre, situada a oeste das duas outras, a saber: "agreste" e "zona da mata." (AMADO, 1995, p. 145).

Do ponto de vista fisiográfico o sertão continua a ser um recorte regional do nordeste brasileiro, no entanto há de se considerar o sertão do ponto de vista sociocultural onde é estabelecida uma relação identitária do homem sertanejo, que carrega para os lugares onde circula sentimentos de afetividade com este lugar.

Por outro lado, o sertão nordestino é uma das regiões brasileiras que mais se escreveu na literatura nacional. Há de se pontuar também o considerável número de pesquisas acadêmicas que com igual responsabilidade disseminou um imaginário que atribui a palavra sertão à atraso econômico e social e que relaciona este atraso econômico ao clima semiárido.

É necessário se pensar que independente do conceito geográfico utilizado numa pesquisa, é extremamente importante para o pesquisador trazer uma diversidade de olhares para que a compreensão dos fenômenos analisados no espaço possa ser feita, revelando tantos discursos quanto forem possíveis destes fenômenos. Para Claval (2010) é possível se conhecer uma região se houver um olhar atento e voltado para os homens que a constituem, que estão presentes no cotidiano e a significam em seu imaginário e nas suas obras. Para o autor somente assim conseguirá enxergá-la como um todo.

Para Marândola Junior (2010 apud VAZ, 2016, p. 95) a região entra em relação com aquela que busca conhecê-la e se revela num movimento dialético entre amplidão e confinamento; entre a compreensão e a apreensão da região em sua extensão; podendo ser moldada e permeada; sendo neste processo onipresente e finita, ou seja, limitada por características próprias que a tornam o que é; sendo região é constituída na relação terra homem.

Anteriormente a quaisquer regionalizações criadas por qualquer pesquisador, que pode criar numa pesquisa uma regionalização, ou órgão público, por meio do planejador, cada pessoa, individualmente, tem a sua região como espaço vivido, haja vista que cada um experiencia diferentemente o espaço, tendo diferentes percepções dele. As percepções, dos espaços vividos conhecidos e próximos, criam uma imagem regional, o elo psicológico do homem com a região (FRÉMONT, 1980). Para as pessoas de espaços vividos semelhantes e que têm hábitos em comum, essa imagem pode ser semelhante, criando uma região da experiência, como é o caso da região do Samba de Roda, no Recôncavo Baiano (CARVALHO, 2013). Transporemos esse conceito de região da experiência, ao objeto da pesquisa aqui apresentada, neste caso a região do sertão.

Por fim, sobre as particularidades ao se pensar no sertão como região, Vaz (2016, p.97) compreende que o mesmo não pode estar restrito a um território, pois seu sentido o ultrapassa e o amplia, sendo constituído e significado a todo

tempo e desta forma, deve-se respeitar e valorizar o sertão a partir das experiências de quem o vive.

De mata exuberante a deserto, tanto no sentido de área desabitada como árida, de cerrado à caatinga, sertão nomeou e nomeia paisagens e espacialidades distintas, assumindo diversas imagens, significações. Não há como mapeá-lo ou localizá-lo precisamente. O sertão não aponta para um lugar único quando se pensa no lugar apenas como um ponto do espaço. É um sistema complexo, feito de representações, imagens e discursos que se alteram ao longo do tempo, como resultado das próprias transformações por que passa a sociedade e o espaço que ela produz. São vários os sertões que se disseminaram e se disseminam no tempo e no espaço. O sertão ou os sertões são feitos de representações espaciais datadas, construídas historicamente pelo imaginário social e pelas ações dos homens nas quais, inevitavelmente, esse imaginário está incluído. São feitos de escritas produzidas pela história dos sujeitos de fora e de dentro dos espaços grafados. Escritas suscetíveis a rasuras e reescritas diversas que revelam o cotidiano dos homens, com suas ambiguidades e contradições, em tempos e espaços específicos, de acordo com as representações selecionadas para o estudo desses espaços.

CAPÍTULO 3

3 CONTEXTOS PAISAGÍSTICOS REGIONAIS E DIVERSIDADE DE LUGARES

É sabido que os lugares são imbuídos de significados e, por conseguinte, revelam modos de vida e particularidades locais. Neste capítulo a pesquisa abordará as particularidades dos contextos paisagísticos regionais materializados na obra de Graciliano, considerando diferentes aspectos relacionados a percepção ambiental e a paisagem vivida, além de outros pontos tais como: sentido de espaço e lugar, valores e imagens respectivos ao meio ambiente

Compreende-se que a arte consegue levar ao estudioso uma liberdade de interpretação em riqueza de detalhes. E nesse sentido, não há apenas uma significação para o que ele consegue ver, ler ou sentir, não existe limite na realidade imagética, pois nessa junção entre ciência e arte a cada leitura recria-se fontes imaginárias da realidade.

3.1 Além do que se vê: a percepção e os sentidos nos romances realistas

Não se distanciando do objeto de pesquisa, ou seja, da interface dialógica entre a Geografia e a Literatura, Albuquerque Júnior (2009, p.78) ressalta a aproximação dos romancistas da década de 1930 com as fontes populares que estabeleceram uma comunhão de características regionais. Ele vai chamar essa nova maneira de escrita de “estilo regional”, representada por uma forma de expressão muito próxima do cotidiano e do universo popular, servindo também de estratégia para se afastar da linguagem, considerada por estes romancistas, como superficial, sobretudo por ter sido desenvolvida pelos modernistas da região sudeste.

Nesta subseção crê-se ser interessante trazer a concepção de arte. Por entendermos que a literatura insere-se no campo das artes, e neste caso específico a chamaremos de arte literária, o dicionário de língua portuguesa Aurélio Buarque de Holanda (2009, p.143) traz a seguinte definição da mesma como sendo “a atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito de caráter estético carregados de vivências pessoal e profunda (...) é a capacidade criadora do artista expressar ou transmitir tais sensações ou sentimentos”.

A produção romanesca da década de 1930 é a principal responsável por destacar os chamados temas regionais, dentre eles e talvez o de maior visibilidade e discussão: a seca. Este foi um tema importantíssimo levando-se em consideração que este fenômeno natural característico da região originou uma concepção de destaque comparativamente às outras regiões. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009)

A partir dos romances regionalistas de 1930, a imagem do nordeste passou a ser pensada tomando a seca como principal paisagem. E este é um equívoco, pois se reconhece nesta região uma pluralidade de paisagens e lugares. Ao tratar do sertão, uma pluralidade de interpretações e representações sobre o espaço se condensam. Sena (1998, p. 23) reafirma este pensamento quando diz que “o sertão é singular e plural, é um e é muitos, é geral e específico, é um lugar e um tempo, um modo de ser e um modo de viver, é o passado sempre presente, o fora do tempo, o que não está nunca onde está”.

Uma obra literária descreve a expressão de um tempo, reflete a experiência do escritor em relação ao espaço por ele vivido. Ela representa muito do que o autor percebeu, sentiu, imaginou, viu ou interpretou dentro de seu cotidiano, real ou imaginário, história ou estória, verdade ou criação. Todas essas abordagens não limitam as características da arte literária. Sua essência além de demonstrar um acontecimento no mundo real está na representação de um momento histórico, espaço-temporal, que influencia, e ao mesmo tempo, é influenciado pela sociedade, transformando as paisagens e colaborando na formação do espaço romanesco. Aquele que lê revive sentimentos de uma determinada época, construindo suas próprias paisagens, a partir da experiência dos aspectos vividos pelos personagens em uma determinada localidade, real ou fictícia e, mais uma vez, participa da construção do que se faz enquanto marco histórico na vida social.

Nas obras analisadas neste estudo – São Bernardo (1988), Vidas Secas (1998), Viventes das Alagoas (1984) –, o romancista leva ao limite o clima de tensão entre o homem e o meio natural, e entre o homem e o meio social, produzindo conflitos intensos, capazes de moldar personalidades e transformar as qualidades dos homens. O desmazelo destes homens é retratado nas obras, os finais são trágicos e irreversíveis, e a morte é uma constante, como atestam o suicídio da personagem Madalena em São Bernardo e as mortes do papagaio e da cadela Baleia em Vidas Secas.

Seguindo os trilhos abertos por Rachel de Queiroz²¹, romancista da década de 1930, Graciliano também expõe o flagelo dos retirantes, mas sob um universo literário mais rico do que o da romancista, pois é tratado a partir de um vicioso ciclo em que a maior vilã não é a seca, mas sim a miséria – obviamente potencializada pelas condições ambientais extremas, tanto na figura das secas quanto na das enchentes que subjuga as ações dos personagens.

Na proposta de análise a respeito dos sentidos e percepções presentes no espaço, e neste caso específico, nas obras literárias escolhidas, as relações entre os conceitos de lugar e paisagem tornam-se indissociáveis. Desta forma, procurou-se fazer uma breve abordagem sobre a paisagem geográfica, mas sem maiores aprofundamentos, pois este não é o foco da pesquisa.

Destarte ao se pensar na estrutura e na personalidade do lugar, a paisagem assume maior destaque, pois é através dela que chegamos à percepção do mesmo. Foi procurando estabelecer contrapesos às análises espaciais da Geografia quantitativista que os estudos geográficos começaram a dar maior valor e ênfase à originalidade dos lugares, ou seja, à carga subjetiva da qual eles são preenchidos através das experiências. Assim, o geógrafo Tuan (1983, p.15) denominou “a Geografia como a ciência dos lugares para o homem”. Os valores, a identidade, as representações, experiências concretas e percepções tornaram-se noções determinantes e mobilizadoras para reflexão dos geógrafos sobre as relações entre homem-sociedade-lugar. No romance, *Vidas Secas*, por exemplo, esta relação homem x lugar é percebida na forma como os personagens da história são capazes, seja através das percepções ambientais ou dos valores culturais da região, de expressar sua condição humana.

Um mormaço levantava-se da terra queimada. Estremeceu lembrando-se da seca, o rosto moreno desbotou, os olhos pretos arregalaram-se. Diligenciou afastar a recordação, temendo que ela virasse realidade. Rezou baixinho uma ave-maria, já tranquila, a atenção desviada para um buraco que havia na cerca do chiqueiro das cabras. Esfarelou a pele de fumo entre as palmas das mãos

²¹ Rachel de Queiroz (1910-2003) foi uma escritora brasileira. Nasceu, em Fortaleza, capital do Ceará, em 17 de novembro de 1910. Em 1917, foi para o Rio de Janeiro, junto com a família, que procurava fugir da seca que desde 1915 atingia a região. Em fins de 1930 projetava-se na vida literária do país, através da publicação do romance "O Quinze", uma obra de fundo social, profundamente realista na sua dramática exposição da luta secular de um povo contra a miséria e a seca. O livro foi editado em apenas mil exemplares e já mostrava as características que marcariam toda sua obra. A consagração veio com o Prêmio da Fundação Graça Aranha, em 1931.

grossas, encheu o cachimbo de barro, foi consertar a cerca. Voltou, circulou a casa atravessando o cercadinho do oitão, entrou na cozinha (RAMOS, 1998, p. 41-42).

O trecho acima descreve o estado de espírito de Sinhá Vitória. É interessante destacar o quanto o fator clima, ou seja, o suposto retorno e presença da seca têm a capacidade de alterar o humor e o psicológico da sertaneja.

Nota-se em outra passagem da obra *Vidas Secas* que a importância e a identidade da paisagem e conseqüentemente do lugar está relacionada aos valores atribuídos em função da afetividade que os indivíduos estabelecem com o lugar em que vivem. Tal relação nasce à medida em se conhece melhor e dota-se de valor a localidade.

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. Além havia uma serra distante e azulada, um monte que a cachorra visitava, caçando preás [...] (RAMOS, 1998, p.58).

Sobre a paisagem, Santos, M. (1997, p. 61), a descreve como “Tudo aquilo que nós vemos ou que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, sonoridades, cheiros etc.”. Entretanto, para que possamos ver a paisagem como algo aparentemente fora de nós, vemos com os nossos olhos, feitos da nossa história e da nossa subjetividade. O trecho da obra destacado abaixo vem exemplificar esta definição do conceito de paisagem. Antes mesmo de se ver a imagem real da localidade, as percepções do sujeito já se faziam presentes.

Antes de olhar o céu, já sabia que ele estava negro num lado, cor de sangue no outro, e ia tornar-se profundamente azul. Estremeceu como se descobrisse uma coisa muito ruim (RAMOS, 1998, p.119).

A paisagem, inserida neste contexto, é estudada em diversas áreas do conhecimento principalmente na redescoberta da Geografia, mais especificamente pela área humanista. Com essa evolução epistemológica, a Geografia está pronta para analisá-la sem o conservadorismo de meados do século passado. Desta forma, torna-se impossível falar da paisagem sem antes caracterizar a percepção. A análise

compreensiva da percepção está relacionada subjetivamente em cada indivíduo, sobre isto falar-se-á mais à frente.

Para Tuan (1983) paisagem não é um dado físico objetivo. A paisagem só pode existir como resultado de uma percepção. O que é visto juntamente com aquilo que é percebido não é apenas o exercício de um único sentido, a visão, mas a união de vários sentidos. O que se vê domínio da imagem e da imaginação, pode se estender ao tato, a audição, ao olfato e até ao paladar. Trata-se, assim, de um quadro dinâmico que se constrói a partir do olhar de um observador sobre um ponto qualquer do espaço num determinado momento. Olhar necessariamente abarcado pela subjetividade de quem observa, seu estado de espírito, seus valores culturais, sua maneira de levar a vida e a diversidade de sensações que o conjunto de objetos contemplados é capaz de provocar a partir de todas essas variáveis. Ou seja, a paisagem é o casamento de sensações visuais, olfativas, gustativas, auditivas, táteis, fixadas pelo olhar do sujeito-observador sobre um conjunto de objetos num determinado instante (MELO, 2006).

Os leitores desta dissertação devem se perguntar por que a pesquisadora adentrou na análise do conceito de paisagem. Como resposta reafirma-se que a opção por este caminho se deu devido à abordagem dos contextos paisagísticos regionais das obras neste último capítulo, e na abertura desta temática é inerente este dialogismo entre lugar, paisagem e região conjugadas à percepção de quem os experienciou, no caso específico o autor e os sujeitos-personagens.

Enquanto cenários do mundo vivido, as paisagens geográficas vislumbram horizontes de símbolos e signos em contínuo dinamismo, transmitindo mensagens que falam, silenciosamente, da percepção, da valorização, da busca dos significados inerentes as uniões e rupturas do ser humano com seu espaço vivido. A adaptação do Homem as diversificadas paisagens transformam-se, portanto, em parte significativa da história das mesmas. Nas paisagens encontramos os vestígios, as reminiscências, as relíquias grandiosas da história vivida pelas sociedades das diferentes culturas num passado remoto ou não, ou ainda no presente-futuro da contemporaneidade.

Para a geógrafa Maria Geralda Almeida (2003, p. 15) a arte literária possui um valor poético ao enfatizar os lugares como sítios de experiência humana, individual ou coletiva, experiência que se traduz por valores particulares.

Parafraseando a autora, é a experiência que embasa a “geograficidade²²” do homem como modo de sua existência e de seu destino. Dardel (2015) faz a literatura porque ela é linguagem e, ao construir sobre a língua, anuncia uma experiência humana do mundo. A literatura é uma Geografia muito humana que o corpus literário de Dardel (2015) testemunha com o auxílio da fenomenologia. O autor recorre à literatura porque para ele ela simboliza a escritura da Terra e, para ele a linguagem do geógrafo se torna sem nenhum esforço a linguagem do poeta. Trata-se da primeira vez na história da disciplina que o vínculo afetivo que reúne o homem com a terra influi de maneira explícita sobre o discurso geográfico (ALMEIDA, 2003, p.17).

Elemento emblemático da atual região nordeste, a seca em Graciliano atinge limites poético-literários sem precedentes, “contaminando” todo o enredo: para além da linguagem, também ela seca e rústica, a condição climática influencia na corrosão das almas dos personagens, modulando e lapidando os seus espíritos. Assim, em *Vidas Secas*, toda a verve e genialidade literária do escritor se explicitam, compondo quadros ao mesmo tempo trágicos e belos. O resultado ou efeito é a consumação de uma prosa regionalista ímpar.

Por conseguinte, o sertão de Graciliano Ramos cristaliza a imagem da seca; porém, mais importante do que esta imagem é a insígnia implantada dos espaços sertanejos como áreas de domínio de homens rústicos, sertanejos brutalizados e animalizados pelo ambiente e, sobretudo, pela miséria e exploração. Por outro lado, a seca e a “incivilidade”, do sertanejo só corroboram o discurso oficial hegemônico do poder estatal nacional em transformar os sertões nacionais – em destaque para a “região- problema”, alcunha genérica do atual Nordeste – no dito não- sertão, espaço integrado à lógica do capital.

É por reunir tantas espacialidades, lugares, paisagens e significações distintas que se pode dizer que O sertão é do tamanho do mundo. Pode-se compreender o sertão como um lugar, tal como vimos no capítulo anterior. Um grande lugar, um lugar complexo, de dimensões regionais, que, à maneira das metrópoles, é feito de vários lugares. Um lugar descontínuo, além de migrante, que não se localiza em um único ponto, mas em toda parte, por isso O sertão é sem lugar. Sem lugar, também, por ser feito de vários lugares. É a sua natureza diversa,

²² A geograficidade, que expressa a materialidade do espaço geográfico, é compartilhada em nossas vivências cotidianas com a lugaridade, que expressa exatamente essa relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos

múltipla, ambígua, heterogênea, híbrida e paradoxal, presente em toda parte, que lhe confere a condição de lugar. Um lugar único — o sertão - mas que, por reunir uma diversidade de lugares, paisagens, espacialidades e significações, condensa a imagem do mundo, repleta de contrastes, ambiguidades, paradoxos.

O romance propõe uma história, uma narrativa e uma Geografia. Se a leitura remete mais ou menos diretamente à temporalidade da narração, esta se elabora com a apresentação sucessiva de lugares escritos, do espaço de vida dos personagens, das paisagens das paixões e ações e das paisagens percebidas de um espaço.

A descrição hábil dos sentimentos topofílicos ou não das emoções ligadas a vida da região, dos modos, no decorrer da história do país, de como os escritores sentiram, perceberam e trabalharam a realidade destas experiências no plano de suas narrativas, faz desta paisagem uma constante em nossa literatura capaz de sempre ressurgir, causando-nos surpresa pela originalidade com que tem sido tratada.

3.2 Cotidiano e intersubjetividade do Lugar

Como objeto de análise das ciências humanas, o estudo do cotidiano está em grande expansão. Segundo Lefebvre (1991), o cotidiano é uma soma de insignificâncias, não de insignificantes. A banalidade é importante na vida, o levantar, abrir a janela, apreciar o tempo, sentir os sons e os cheiros do dia ao amanhecer. É o banal do dia-a-dia que faz nossa vida ter significado nesse mundo. Devemos também considerar que há graus diferenciados de banalidade. O estudo do cotidiano compreende a análise do indivíduo de modo geral, envolvido em relações com outros indivíduos. Sendo que o espaço é o meio que possibilita a conexão entre as coisas. Sua compreensão já está submetida à compreensão imediata do mundo vivido, que é a soma de todas as ações e intervenções junto ao meio onde o indivíduo vive, criando dessa forma uma experiência de vida, cada qual com a sua experiência. Na Geografia Humanista-Cultural autores como Yi-Fu Tuan e Anna Buttimer explicam o mundo vivido muitas vezes diferenciando-o de espaço, como é o caso de Tuan (1983), que afirma que “o espaço se transforma em lugar à medida que o conhecemos e o dotamos de valor”. O lugar corresponde a um uso, ou seja, uma prática social vivida. A percepção em relação ao “lugar” é diferente de

indivíduo para indivíduo. Betanini (1982) por sua vez, sistematizou as categorias do espaço antropológico, utilizando o termo “espaço vivido” como um espaço que deve ser sentido em “primeira pessoa”, onde o indivíduo se sente bem, é o espaço da vida cotidiana. Claval (2014) faz parte da Nova Geografia Cultural e, trabalha o “lugar” como um território comunitário, onde os estilos de vida são semelhantes. Para Buttner (1969), o vivido não é assumido, ela parte da ideia de visual – portanto de estrutura. Almeida (2003) salienta que o espaço, além de ser produto das atividades humanas, tem múltiplas valorizações e caracteriza-se por atributos estruturais, funcionais e afetivos, podendo dessa forma ser considerado como o lugar onde homens e mulheres, ideologicamente diferentes procuram impor suas representações, suas práticas e seus interesses.

O conhecimento dos lugares, ainda que somente de modo conceitual, adquirido pela leitura das obras literárias, não deixa de ser uma forma de experienciar as diversas faces do espaço. Através do contexto dos romances, por exemplo, o espaço de uma determinada localidade deixa de ser amorfo, para adquirir uma gama de significados muitos especiais que sensibilizam e influenciam atitudes dos homens com relação ao ambiente. Desta forma, a visão a respeito desses lugares passa a se associar com a visão do escritor e permite que a consciência de quem lê, seja adequada, ampliada, renovada pelo conhecimento recém adquirido. Por meio deste novo saber, cria-se uma visibilidade para os lugares descritos e/ou vividos, baseada na informação, mesmo que estes tenham pouca ou nenhuma significância visual e, que na maior parte das vezes, passem despercebidos, ao estarem inseridos num contexto paisagístico mais amplo e de maior significado. A visibilidade destes lugares é assegurada pelo escritor, ao transcrevê-los intimamente ligados aos estados de alma, aos sentimentos, sonhos e ritmos das atividades humanas no cotidiano, através dos seus personagens. Os geógrafos podem extrair da Literatura uma fonte de informações e mensagens que, embora subjetivas enriquecem seus estudos. Ao relacionarem os vários temas literários que abordam sob ângulos diferenciados a experiência do sentido de lugar, encontram-se diante de espaços de significados, com valores afetivos intensos, com um conhecimento que abarca, simultaneamente, o sentimento, a familiaridade e a intimidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente este não é o primeiro e nem o último estudo sobre a interpretação dos textos de Graciliano Ramos. Porém acredita-se que esta pesquisa contribuirá com o debate na Geografia Humanista e Cultural brasileira sobre as várias possibilidades de se realizarem estudos geográficos que considerem a Literatura como importante forma de representação espacial. Podemos constatar que a representação espacial nos textos do autor alagoano se apresenta de diferentes formas. Os trajetos percorridos, os sentimentos de pertencimento à terra adquirida, e as relações estabelecidas entre os sujeitos-personagens revelados nas crônicas do cotidiano aparecem atrelados nas narrativas aos lugares dotados de valor e sentimentos, onde são articuladas vivências e experiências.

Assim, nesta última sessão cabe as respostas às questões iniciais que nortearam o processo da pesquisa, primeiramente revelando que a literatura em seu contexto artístico exprime as relações estabelecidas entre os sujeitos e seus lugares, evidenciados em seus comportamentos cotidianos.

Para este trabalho entre a Geografia e a Literatura baseou-se nas proposições de que os aspectos geográficos se revelam nas obras literárias e que, segundo uma das concepções sobre a Literatura, esta é uma representação da realidade. Pela leitura, interpretação e contextualização da obra literária, a partir das idéias e imagens contidas nos fatos, cenários e nos personagens da narrativa, é possível associar e correlacionar todos os elementos revelados na obra literária e evidenciando aspectos sócio-espaciais, históricos e culturais da sociedade nele representada. Na perspectiva da abordagem cultural e humanista, entende-se que o ponto convergente entre ambas é o lugar e o homem sendo possível aproximá-las e, por conseguinte, tornar a Literatura uma fonte enriquecedora da investigação geográfica.

Em tempo cabe ainda pontuar que o autor Graciliano difere-se dos demais por ter a preocupação em retratar fielmente aspectos da realidade. Assim quando lemos os textos deste temos a nítida impressão que o escritor não deixa de representar características importantes do espaço urbano e rural de sua cidade natal e cidades circunvizinhas que fizeram parte de algum momento da sua vida pessoal. Surgem desta forma as cidades de Viçosa, Buíque, Minador do Negrão, Fazenda

São Bernardo com destaque para a cidade de Palmeira dos Índios como a mais representada nos textos do autor.

A Geografia não aborda apenas a paisagem. Há outras abordagens, por exemplo, aquelas que enfatizam o espaço e os lugares. Na perspectiva de Graciliano, praças, ruas, fazendas, esquinas e casas assumem, em alguns casos as características de lugar, que mantêm relações com a trama e seus personagens, não se constituindo em meros palcos.

Este é o diferencial em se trabalhar com a interface Geografia e literatura. Esta união constitui-se numa representação profunda das relações mais íntimas dos processos, do imaginário e das experiências mundanas. Os sentimentos e os laços que as pessoas estabelecem com lugares são dificilmente acessíveis ao pesquisador que, com seus métodos, não pode detectar o que a Literatura, de forma tão envolvente, revela.

Em conformidade com o objeto de reflexão, no âmbito interdisciplinar da Geografia e Literatura, acredita-se que o labor da leitura das obras do autor escolhido, aliadas ao referencial teórico norteador facilitaram as respostas às inquietações iniciais quanto às relações do autor e personagens e os lugares de sua vivência, assim como responderam positivamente de que maneira a arte literária reverbera o cotidiano e os costumes de determinado lugar ou região.

Para abordar as imagens do sertão no romance de Graciliano partiu-se da reflexão sobre as relações entre arte e ciência e, mais especificamente, entre literatura e Geografia, apostando num discurso, em que ciência e arte se atravessam pela palavra, pela imagem, pelo estatuto de representação, potencializado pela metáfora e compartilhado por ambas, ciência e arte. Aposta-se, assim, numa ciência que pretende se reinventar, para que seja saber, a partir da assunção do simbólico, da subjetividade, do imaginário, presentes em qualquer tipo de discurso. Uma ciência que se reinventa, também, a partir do diálogo, viabilizado pela tradução, entre os mais diversos saberes: populares, artísticos, etc.

Não se esquecendo do regionalismo em suas diferentes fases que foi importante na medida em que a literatura ganhou força independente do espaço onde foram contextualizadas as ações vivenciadas pelos personagens.

Como considerações finais optou-se por recapitular alguns pontos-chaves abordados ao longo da dissertação e posteriormente sugerir novos estudos que

possam ampliar e complementar o que já foi apresentado, haja visto a extensão da obra graciliana.

Este trabalho surgiu com o intuito de se mostrar a importância dos lugares e a expressividade do regionalismo representados nas três obras escolhidas. Os resultados obtidos demonstram que todos os objetivos propostos e consequentemente o geral, foram alcançados, posto que o conteúdo geográfico nos espaços romanescos possibilitou conhecer os conceitos culturais das regiões, ao mesmo tempo em que gerou novos focos, possibilitando um outro pensar sobre o real, desmistificando-o e se desfazendo dos estereótipos.

Na análise desta interface dialógica, apreende-se que não existe um único significado para as coisas e que tudo pode e deve ser visto de inúmeras formas e ângulos. O autor, assim, sente o que vê. Compreende-se desta forma, melhor e mais nitidamente, a realidade e a condição humana.

Finaliza-se o presente texto enfatizando que os textos literários não só podem como devem ser utilizados como um rico material a ser interpretado sobre as várias representações do espaço e que esta pesquisa se constitui uma dentre as inúmeras possibilidades de análise geográfica.

Procurou-se conduzir o eventual leitor pelo romance, cujo sentido mais profundo se situa não apenas nas palavras do texto, mas também e, sobretudo, nos percursos que elas permitem, nos lugares que descrevem.

No desenvolvimento destas ideias, ratifica-se a importância da Literatura nacional também como recurso na apreensão do conhecimento subjetivo das questões regionais brasileiras, que associada aos relatórios técnicos são excelentes contribuições que devem ser somadas aos estudos socioeconômicos e históricos do país.

Por fim a presente pesquisa deixa a seguinte reflexão. A que serve a informação acumulada e aprisionada em disciplinas e em saberes que não se comunicam? A informação ainda não é o conhecimento, o saber. Para que seja saber, a informação precisa de movimento, diálogo, comunicação, tradução. Uma ciência que pretende se reinventar, para que seja saber, pressupõe a escuta e a reintegração das vozes silenciadas pela ciência moderna: as vozes dos saberes populares, dos mais diversos povos, do senso comum, das artes. A escuta e reintegração que promovem o encontro, o diálogo, a comunicação.

Em se tratando da Geografia brasileira, as produções desenvolvidas a partir dos colóquios entre a Geografia e a literatura tomam forma. Chaveiro (2007, p. 175) afirma que “a Geografia [...] brasileira tem produzido experiências práticas que celebram as possibilidades de intersecção de ciência e arte”. Mais precisamente, tem descoberto que as categorias de análise da Geografia e o seu objeto de estudo, encontram-se pautados nas narrativas literárias, em diferentes gêneros e espécies de poesia, na pintura, no cinema e em outras formas de discurso.

É impossível negar as produções na Geografia brasileira que geram a intersecção entre ciência e arte exposta por Chaveiro, pois a abordagem cultural “permite levar em conta o papel das representações, a dimensão subjetiva da percepção, o papel da emotividade, dos sentidos [...] na vida humana e social” (CLAVAL, 2008, p. 27). Alguns geógrafos (ALMEIDA, 2003; CHAVEIRO, 2007; BARCELLOS, 2006; SUZUKI, 2005) conseguem por meio da Geografia e da literatura “unificar a ciência e arte numa mesma perspectiva” (MOREIRA, 2007, p. 146) em que “o viver humano é uma unidade do simbólico e do real [...] impregnado de imagens e [...] significados” (MOREIRA, 2007, p. 145). Este autor também afirma que “o objeto da fala, da ciência como da arte, é o mundo do próprio homem” (MOREIRA, 2007, p. 146). Esta intersecção entre ciência e arte amplia-se no âmbito das ciências humanas e, no caso específico da Geografia, promove possibilidades de entendimento do real levando em consideração os próprios sujeitos que experimentam as espacialidades apresentadas nas narrativas literárias.

É preciso pensar na poesia, no teatro, na literatura, na pintura, nos mapas como elementos possíveis de leituras geográficas, entendendo a relação destas manifestações com o seu tempo. E ainda, a partir do diálogo com a literatura científica, produzir um conhecimento carregado de sentidos de orientação para um determinado período e que, hoje, possamos nos apropriar destes para nos entendermos no tempo de agora, ressignificando e produzindo uma Geografia que seja realmente expressão da vida humana. Este seria o papel da Geografia no atual período vivenciado: um encontro com a produção do saber através da valorização de outras formas de expressão da vida, buscando aproximar o discurso científico às contradições produzidas no interior do viver.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Distante e/ou do instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado In: FREIRE, Alberto (Org.). **Culturas dos sertões**. Salvador: EDUFBA, 2014.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p

ALMEIDA, Maria Geralda de. Os cantos e encantamentos de uma Geografia sertaneja de Patativa do Assaré. In: **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). Londrina: EDUEL, 2010.

_____. Em busca do poético do Sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro JP (Orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.

AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. vol. 8, n.15, p. 145-151. 1995.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo: Atlas, 1987.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Graciliano Ramos e o desgosto de ser criatura**. 2ª ed. Ilhéus: Editus, 2014.

ARAÚJO, Heloísa Araújo de. **Geografia e literatura: um elo entre o presente e o passado no pelourinho**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução Aurora F. Bernadini. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

BARCELLOS, Frederico Roza. **Espaço, Lugar e Literatura – O Olhar Geográfico Machadoiano sobre a Cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: _____. **Magia e técnica, arte e política.- ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas**, volume. 1, 2ª ed. p, São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 120-136.

_____. O Narrador. In In: _____. **Magia e técnica, arte e política.- ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas**, volume. 1, 2ª ed. p. 70-78, São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETANINI, Tonino. **Espaço e ciências humanas**. São Paulo: Paz Terra, 1982.

BROUSSEAU, Márc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, p. 17-77, 2007.

BUTTNER, Anne. Social space in interdisciplinary perspective. **Geographical Review**, v. 59, 1969.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão: ensaio sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, Caê Garcia. A identidade do Recôncavo: o samba de roda como símbolo Regional. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002

.

CEREJA, William Roberto. **Literatura Brasileira: ensino médio**. 2ª. ed. São Paulo: Atual, 2000.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A dança da natureza e a ruína da alma: Geografia e literatura – uma leitura possível. **Revista Ateliê Geográfico**. Goiânia, v. 1, n. 2, p.174-186, 2007.

CHELOTTI, Marcelo Cervo. Região, cultura e gêneros de vida: leituras “geográficas” sobre a obra Sagarana de João Guimarães Rosa. **Caminhos da Geografia – revista online**, v. 9, n. 26. Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

CLAVAL, Paul. Uma, ou algumas, abordagem(ns) cultural(is) na Geografia humana? In: SERPA, Ângelo. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUBA, 2008.

_____. **Terra dos Homens: a Geografia.** São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **A Geografia Cultural.** 4. ed. Florianópolis: EDUFSC, 2014.

CORREA, Roberto Lobato. **Literatura, música e espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.

_____. A Geografia cultural e o urbano.

CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, textos e identidade.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

COSGROVE, Denis. Novos rumos da Geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Introdução à Geografia cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DEZAN, Maria Dalva de Souza; ANTONIO FILHO, Fadel David. **Geografia e Literatura: meios de construir e modelar simbolicamente o mundo.** Departamento de Geografia, IGCE, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2005.

DUNCAN, James. O supraorgânico na Geografia cultural americana. **Espaço e Cultura.** Rio de Janeiro, n. 13, p. 7-33, Jan/Jun. 2002.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias.** São Carlos: Clara Luz, 2007.

FERREIRA, Cosme Rogério. **Habitus, campo e mercado editorial: a construção do prestígio da obra de Graciliano Ramos.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido.** Coimbra: Almedina, 1980.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; CORREA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo Cesar da Costa (Orgs.). **Geografia Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro, Bertrand, Brasil, 2007. p.49-76.

GRACILIANO RAMOS. **Site oficial.** Disponível em: <http://graciliano.com.br/site/>
Acesso em: 28 jun. 2007.

GUILHAUMOU, Jacques. Histoire/discours, archive/configuration, tajeet thématique, événement discursive/linguistique. **Dictionnaire d'analyse de discours**. Paris: Seuil, 2002.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre o conceito de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista TERRITÓRIO**, ano 2, n. 3, jul./dez, 1997.

KOZEL, Salette. As representações no geográfico. In: KOZEL, Salette; MENDONÇA, Francisco. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LEIS, Hector Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. Florianópolis, v. 6, n. 73, jan. p. 2-23. 2005.

_____. Para uma Reestruturação Interdisciplinar das Ciências Sociais. **Ambiente & Sociedade**. Ano IV, n. 8, 2001.

LEFEBVRE, Henri. O direito a cidade. São Paulo: Moraes, 1991.

LIMA, Solange Terezinha. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, 2000.

MARANDOLA, Janaina Alencar Silva. O Geógrafo e o romance: aproximações com a cidade. **Geografia**. v. 31, n. 1, Rio Claro, p. 61-81, jan./abril. 2006.

MELO, Adriana Ferreira de. O lugar-sertão: grafias e rasuras. Dissertação de (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. UFMG, Belo Horizonte, 2006.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu-Tuan. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: EDUFSC, 2002.

_____. **O espaço iluminado no tempo volteador** (Grande Sertão: Veredas). **Estudos Avançados**. São Paulo, v.20, n.58, p.47-58, 2006.

_____. Ser-tões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. In: MOREIRA, Ruy (Org.). **Pensar e ser em Geografia: ensaios de histórias, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998

NIETZSCHE, Friedrich. **A origem da tragédia**: São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Segmentar ou recortar. In: **Linguística**: Questões e controvérsias. Uberaba: FIUBE, p. 9-26. 1984.

_____. **Análise do Discurso**: Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PECHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio. São Paulo: Editora da Unicamp, 3ª ed., 1997.

RAMOS, Graciliano. **Viventes das Alagoas**: quadros e costumes do Nordeste. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 74ª ed., 1998

_____. **São Bernardo**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1988

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. Geografia, v. 4, n. 7, 1979.

SÃO BERNARDO. Produção Leon Hirszman. São Paulo: Mapa, 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Zeysk36F2s> . Acesso em 22 de setembro de 2015.

SANTOS, Eduardo. Resenha de “A Geografia cultural de Paul Claval”. **Eccos Revista Científica**. São Paulo: Centro Universitário Nove de Julho, 2000.

SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. 4ªed. São Paulo: HUCITEC,1997.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SENA, C. S. **A categoria sertão**: um exercício de imaginação antropológica. Sociedade e Cultura. Goiânia, v.10, n.1, p.19-28. jan/jun, 1998.

SERPA, Angelo Szaniecki Perret. Paisagem, Lugar e Região: Perspectivas teórico-metodológicas para uma Geografia humana dos espaços-vividos. **GEOUSP**: espaço e tempo. São Paulo, n. 33, p. 168-185, 2013.

SERVILHA, Mateus de Moraes. **Quem precisa de região?** O espaço (dividido) em disputa. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SILVA, Maria Auxiliadora da; Araújo, Heloísa de Araújo. A Geografia que emerge na arte literária. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; PINHEIRO, Délio José Ferraz. **Imagens da cidade da Bahia**: um diálogo entre a Geografia e arte. Salvador: EDUFBA, 2007.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura uma leitura da cidade na obra de Paulo Leminsk. **Revista da Anpege**, ano 2, n. 2, Fortaleza, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VAZ, Caroline Bulhões Nunes. **Regionalização nos territórios de identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia, 2016.

VIDAS SECAS. Produção Nelson Pereira. Rio de Janeiro: Sino Filmes, 1963. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=do-ZTroCt-Y>. Acesso em: 15 de outubro de 2015